



EDUARDO AUGUSTO KOPPER

CENTRO CULTURAL E DE APOIO AO PÚBLICO LGBT+

**SINOP-MT
2019**

EDUARDO AUGUSTO KOPPER

CENTRO CULTURAL E DE APOIO AO PÚBLICO LGBT+

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca avaliadora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade de Sinop – FASIPE, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof^o Arq. Esp. Felipe Seganfredo.

**Sinop/MT
2019**

EDUARDO AUGUSTO KOPPER

CENTRO CULTURAL E DE APOIO AO PÚBLICO LGBT+

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado à banca Avaliadora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da FASIPE – Faculdade de Sinop como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel e Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em ____/____/____.

Arq. Esp. Felipe Seganfredo
Professor Orientador
Departamento de Arquitetura e Urbanismo – FASIPE

Arq. Esp. Jonathan Osti
Professor (a) Avaliador
Departamento de Arquitetura e Urbanismo – FASIPE

Arq. Antoniel Santos Silva
Avaliador convidado

Arq. Jennifer Beatriz Uveda
Coordenadora do Curso de Arquitetura e Urbanismo
FASIPE – Faculdade de Sinop

DEDICATÓRIA

A todas as pessoas que se sentem excluídas,
com medo e inseguras, seja pela orientação
sexual ou identidade de gênero.

Juntos resistiremos, juntos venceremos.

AGRADECIMENTO

- Agradeço, antes de tudo, ao meu próprio emocional por ter aguentado firme todas as inseguranças e medos.
- Aos meus pais e irmão, por todo apoio dado.
- Ao meu Orientador Felipe, por toda ajuda para tornar esse trabalho possível.

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade a elaboração de Centro Cultural e de apoio ao público LGBT+ a ser implantado na cidade de Sinop - MT, buscando transmitir através da arquitetura suas características e necessidades. Desta forma, para o desenvolvimento do projeto, foram feitos estudos bibliográficos para o real entendimento da necessidade dessa população, estudando as leis e políticas públicas vigentes para os mesmos, estudo de análise de correlatos para se entender o dimensionamento, programa de necessidades e os aspectos da população a usufruir deste espaço. O Centro Cultural tem como finalidade levar a toda a comunidade o real entendimento sobre a causa LGBT+, ofertando espaços de debates e palestras, além de contar áreas de lazer para a inteiração do público. É também ofertado cursos profissionalizantes e alojamentos para a população LGBT+ de rua, que necessita de uma nova chance para recuperar a autoestima e autonomia sobre a própria vida, e assim, auxiliando na reinserção dessas pessoas na sociedade de forma digna.

Palavras-chave: Abrigo; Reinserção social; Centro de apoio; LGBT+.

ABSTRACT

The purpose of this work is the elaboration of a Cultural Center space and support to the LGBT+ public to be implanted in the city of Sinop - MT, seeking to transmit through its architecture its characteristics and needs. In this way, for the development of the project, bibliographical studies were carried out for the real understanding of the necessity of this population, studying the laws and public policies in force for them, a study of correlation analysis to understand the sizing needs program and aspects of the population to enjoy this space. The Cultural Center aims to bring to the whole community the real understanding about the LGBT + cause, offering spaces for debates and lectures, as well as counting leisure areas for public understanding. It is also offered vocational courses and housing for the LGBT + street population, which needs a new chance to regain self-esteem and autonomy over one's life, and thus, helping in the reinsertion of these people in a dignified way.

Keywords: Shelter; Social reinsertion; Support center; LGBT +

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Orientação sexual	35
Gráfico 2: Identidade de gênero	36

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Número de LGBT+ assassinados no Brasil	16
Figura 2: Total de denúncias/violações recebidas pelo Disque 100 no período de 2011 a 2016.	23
Figura 3: Linha do tempo, conquistas do movimento LGBT+.....	26
Figura 4: Localização e acessos	38
Figura 5: Setorização CCA (a) pavimento térreo	39
(b) primeiro pavimento Centro Cultural Arauco	39
Figura 6: Fachada Centro Cultural Arauco	40
Figura 7: (a) Centro Comunitário Rehovot, planta layout térreo	41
(b) Planta layout 1º pavimento	42
(c) Planta layout 2º pavimento	42
Figura 8: Fachada Centro Comunitário Rehovot	43
Figura 9: Sobreposição de volumes	44
Figura 10: Planta layout Centro Social	45
Figura 11: Fachada Centro Social em Abuenas	46
Figura 12: Localização terreno e proximidades	47
Figura 13: dimensões do terreno	48
Figura 14: planta de situação do terreno	48
Figura 15: Denominação das vias	49
Figura 16: Sentido das vias	49
Figura 17: Topografia do terreno	50
Figura 18. Parâmetros urbanísticos de Sinop - MT	50
Figura 19. Mapa de Zoneamento da cidade de Sinop - MT	51
Figura 20. Zona Urbana Intermediária	51
Figura 21. Índices, recuos e demais restrições de uso	52
Figura 22: Orientação solar	52
Figura 23: Predominância dos ventos	53
Figura 24 (a). Fluxograma terreno	57
(b) Fluxograma Centro Cultural pavimento térreo	58
(c) Fluxograma Centro Cultural pavimento superior	58
(d) Fluxograma alojamento térreo	59
(e) Fluxograma alojamento pavimento superior	59

(f) Fluxograma espaço de triagem	59
Figura 25. Letra “L” para sobreposição de volumes	60
Figura 26. Implantação	61
Figura 27. Quaro de áreas	62
Figura 28. Vista área dos espaços verdes	63
Figura 29. Tabela de especificação de vegetação	63
Figura 30. Exemplo de jardim interno com samambaias	64
Figura 31. Exemplo jardim com banco	64
Figura 32. Centro cultural Dandara dos Santos	64
Figura 33. Vista bloco habitacional	66
Figura 34. Guarita principal	67
Figura 35 (a). Área piscina	67
(b). Área piscina vista superior	68
Figura 36. Quadra poliesportiva	68
Figura 37: exemplo de placa fotovoltaica	69
Figura 38: Telha termoacústica	70
Figura 39. Esquema funcionamento concreto drenante	71
Figura 40: Brise de madeira vertical	72
Figura 41. Modelo de laje nervurada	72
Figura 42. Pilares de concreto irregulares	73
Figura 43. Modelo de quarto acessível	73

LISTA DE TABELAS

Tabela 1(a): Pré-dimensionamento Centro Cultural Térreo	54
(b): Pré-dimensionamento Centro Cultural pavimento superior.....	54
Tabela 2 (a). Pré-dimensionamento alojamento térreo	54
(b) Pré-dimensionamento alojamento pavimento superior	55
Tabela 3. Pré-dimensionamento espaço de triagem	55
Tabela 4. Pré-dimensionamento guaritas	56
Tabela 5. Pré-dimensionamento demais construções	56
Tabela 6. Pré-dimensionamento áreas abertas	57

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
1.1 JUSTIFICATIVA.....	14
1.2 PROBLEMATIZAÇÃO.....	15
1.3 OBJETIVOS.....	16
1.3.1 Geral.....	16
1.3.2 Específicos.....	16
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	18
2.1 O movimento LGBT+.....	18
2.2 A homofobia no Brasil.....	21
2.2.1 Direitos Humanos.....	25
2.2.2 A importância de Movimentos Sociais.....	26
2.2.3 O desafio do trabalho formal.....	27
2.3 Centros Culturais.....	28
2.4 Centros de apoio e acolhimento.....	32
3. METODOLOGIA.....	34
3.1 Pesquisa Qualitativa.....	34
3.2 Aplicação de questionário.....	35
4. ANÁLISE DE CORRELATOS.....	38
4.1 Centro cultural Arauco.....	38
4.2 Centro Comunitário Rehovot.....	40
4.3 Centro social em Abuenas.....	43
4.4 Considerações dos estudos de caso.....	46
5. O PROJETO.....	47
5.1 Terreno.....	47
5.2 Denominação e sentido das vias.....	49
5.3 Topografia.....	50
5.4 Parametros Urbanisticos.....	50
5.5 Orientação do sol e ventilação.....	52
5.6 Programa de necessidades e pré-dimensionamento.....	53
5.6.1 Centro Cultural.....	53
5.6.2 Alojamentos.....	54
5.6.3 Espaço de Triagem.....	55
5.6.4 Guaritas.....	56
5.6.5 Demais construções.....	56
5.6.6 Áreas abertas.....	57
5.7 Fluxograma.....	57

5.8 Partido Arquitetônico	60
5.9 Implantação	60
5.10 Memorial Descritivo	61
5.10.1 Dados gerais	61
5.10.2 Finalidade	62
5.10.3 O projeto	62
6. PRÍNCÍPIOS TÉCNOLÓGICOS / DIRETRIZES CONSTRUTIVAS	68
6.1 Técnicas construtivas e materiais sustentáveis	69
6.1.1 Placas fotovoltaicas	69
6.1.2 Telhas termoacústicas com poliuretano	70
6.1.3 Concreto drenante	70
6.1.4 Brise solar	71
6.2 Alvenaria	72
6.2.1 Pilares de concreto	73
6.3 Acessibilidade	73
7. PROJETO ARQUITETÔNICO (em pranchas)	74
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77
APÊNDICE	81

1. INTRODUÇÃO

Considerando os altos índices de violência contra a população LGBTQ+ no Brasil, o que coloca o país em primeiro lugar no *ranking* internacional de homofobia, tendo números de assassinatos maiores que os países do Oriente Médio, onde há pena de morte para LGBTQ+ (MOTT, 2016).

Apesar da discussão sobre a homotransfobia ser cada vez mais visível, em todos os âmbitos da vida de um LGBTQ+ é possível encontrar traços dessa hostilização, em casa, na escola, na rua e no trabalho.

A situação de travestis e transexuais, de forma geral, ainda é pior que o restante do público homossexual, pois é a parcela que mais sofre com o preconceito. Mott (2016) diz que o risco de uma trans ser assassinada no Brasil, é 14 vezes maior que um gay ou uma lésbica.

Juntando os números de violência e a falta de leis pró LGBTQ+, existe um ar de impunidade quando se trata de crimes homotransfobicos, pois, existem ainda casos de pessoas que enxergam a população homossexual e transexual como doentes e aberrações, justificando assim os crimes de ódio.

Até o ano de 1985, no Brasil, a homossexualidade ainda era considerada como doença, e ainda traz consigo contemporaneamente, sequelas das atitudes e ações que existiam contra o público LGBTQ+, com uma população heteronormativa conservadora.

Visto o alto número de violência contra minorias sexuais, o projeto busca mostrar a importância da criação de um centro cultural e de apoio, onde a população LGBTQ+ possa de forma segura, exercer sua cidadania e trabalhar em busca de uma profissionalização, buscando contextualizar a população LGBTQ+ e os dados da LGBTQfobia no Brasil, além de propor soluções para a promoção de cidadania dessa população.

1.1 JUSTIFICATIVA

O Brasil é o país que mais mata lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT+) no mundo. Segundo dados do relatório de pessoas LGBT mortas no Brasil, elaborado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), a cada 19 horas um LGBT+ é morto no país, vítima de intolerância, homotransfobia ou mesmo suicídio (MOTT, 2018). Ainda segundo Mott (2018), tal fato pode se dar pelo motivo do Brasil não possuir leis que criminalizem a LGBTfobia, embora a Ex-Presidente, Dilma Rousseff, tenha prometido aprovar um projeto de lei onde a homofobia passaria a ter equivalência a crimes como racismo. O projeto acabou sendo arquivado e o novo presidente, Michel E. Temer, sequer aceitou ser recebido em audiência para discutir o assunto.

Frente aos fatos previamente expostos, às pessoas pertencentes ao grupo LGBT+ possuem necessidades específicas e carecem de políticas públicas de apoio e suporte, de modo a combater a exclusão social, a homotransfobia e, desta forma, suscitando a promoção da cidadania LGBT+.

O Brasil, por ser um país, majoritariamente, religioso e conservador, muitas vezes reproduz entre a população um discurso onde se diz que a homossexualidade é um pecado, uma abominação e vai contra as leis de Deus. Este discurso é utilizado como um dos disfarces da homofobia, e com isso, jovens LGBT+ são os que mais sofrem dentro de casa com famílias conservadoras.

Mello (2012, p. 184) diz que a homofobia não permite ao indivíduo assumir sua sexualidade perante a sociedade, qualquer orientação sexual diferente da heterossexual é considerada como anormal.

Desta forma são em vários aspectos de vida que a população LGBT+ sofre, Schulman (2012) diz que na esfera familiar, a homofobia acaba se tornando um fator de opressão doloroso na vida dessa pessoa, pois isso acaba se refletindo na forma como esse indivíduo irá tratar as outras pessoas da mesma sexualidade, ou seja, um homossexual reproduzindo discursos homofóbicos. Não apenas sofrendo agressões de forma verbal, podem também sofrer ataques físicos, por vezes levando essa pessoa, sem apoio, a sair de casa e ir para as ruas.

A população LGBT+ em situação de rua sofre com a discriminação, homofobia, e, principalmente, com o abandono familiar. Machado (2015) afirma que devido as complicações estruturais a que essas pessoas são expostas, elas são obrigadas a procurarem

assistência por parte das forças locais, sendo que, além de sofrerem as mesmas dificuldades que uma pessoa heteronormativa, eles possuem outros desafios por serem um grupo que ainda carece de políticas públicas.

Ainda segundo Machado (2015), a população homossexual por se encontrar fragilizada pelos preconceitos gerados pela sociedade fica despreparada para a vida adulta, pois sem apoio familiar e moradia, não conseguem obter maneiras de estabilizarem suas vidas, pois também é maior a dificuldade para conseguirem adentrar o mercado de trabalho.

Deste modo, a criação de um Centro Cultural e de Apoio ao Público LGBTQ+, teria como finalidade oferecer refúgio, abrigo e cuidados a essas minorias sexuais, que, por vezes, são abusadas e/ou expulsas das próprias casas por conta de sua sexualidade. Ainda, busca-se desenvolver espaços de debates para que a população em geral tenha maior conhecimento sobre sexualidade, gênero e o próprio movimento LGBTQ+.

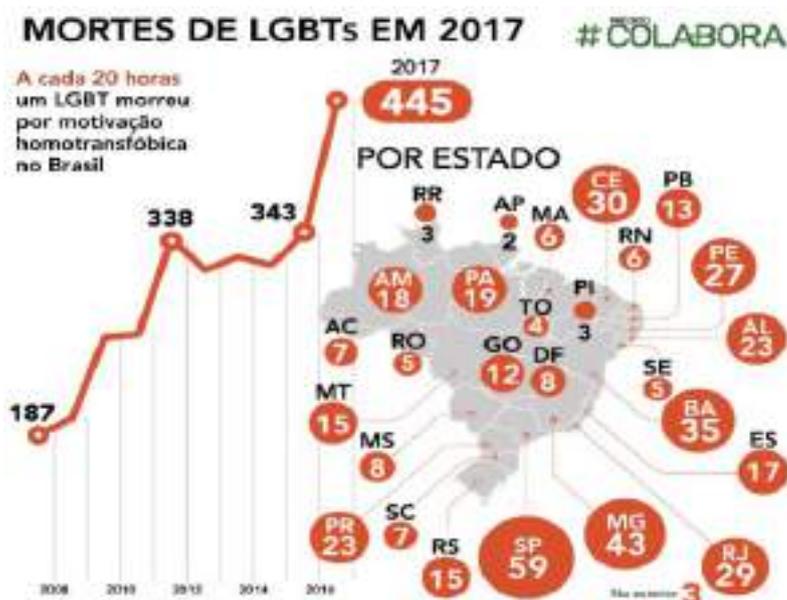
1.2 PROBLEMATIZAÇÃO

A premissa que apesar dos avanços tecnológicos e da sociedade de modo geral ainda existam em várias localidades a falta de empatia e amor ao próximo, juntamente com a falta de leis pró LGBTQ+, faz com que essa população seja marginalizada e posta às margens da sociedade.

Na adolescência esse tipo de violência se caracteriza principalmente pelo uso de ofensas voltadas ao indivíduo LGBTQ+, fazendo com que essas pessoas tenham maiores dificuldades na criação de hábitos de vida saudável, por sentirem-se inferiorizadas (NATARELLI et al, 2015).

Segundo Mott (2018) 445 LGBTQ+ morreram no Brasil em 2017 vítimas da homotransfobia, 37% dessas mortes ocorreram dentro da própria residência da vítima, 56% em vias públicas e 6% em estabelecimentos privados. Travestis e profissionais do sexo são comumente assassinadas em vias públicas, sendo em sua maioria vítimas de armas de fogo ou espancamento. Os dados sobre o número de mortes de LGBTQ+ em cada estado brasileiro pode ser observado na figura 1.

Figura 1: Número de LGBT+ assassinados no Brasil.



Fonte: GGB – Grupo Gay da Bahia.

Nesse contexto, como um centro cultural pode contribuir de forma positiva na promoção e aceitação da cidadania LGBT+ em um país, predominantemente, preconceituoso? Levando informações de qualidade e verídicas sobre a vida desse grupo, seria possível reduzir, significativamente, o número de assassinatos no Brasil?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Geral

Criar um espaço de acolhimento e suporte voltado à população LGBT+, com o intuito de amparar essas pessoas que são marginalizadas pela sociedade, trabalhando-se de forma que as mesmas se sintam seguras e confiantes perante a comunidade em que vivem.

1.3.2 Específicos

- Trazer à comunidade conhecimento sobre o movimento LGBT+;

- Projetar um edifício que disponha de espaços destinados à realização de cursos profissionalizantes e mostras culturais, dando todo apoio necessário à população LGBT+;
- Apresentar dados sobre a LGBTfobia no Brasil;
- Desenvolver em conjunto com a comunidade LGBT+, espaços de recreação e lazer para toda a comunidade, a fim de promover uma maior proximidade entre a população, independente de sexualidade e gênero.
- Criar o projeto arquitetônico de um centro cultural e de apoio, visando técnicas sustentáveis.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O movimento LGBTQ+

A sigla LGBTQ+, que representa a população lésbica, gay, bissexual, transexual e travestis, de acordo com a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT. 2010), foi oficialmente adotada durante a I Conferência Nacional GLBT, no dia 08 de junho de 2008, a qual foi promovida pelo Governo Federal. Nesta conferência, decidiu-se pela utilização do termo LGBTQ+ para identificar a ação conjunta dessa população.

De acordo com a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais - ABGLT (2010), foi em 1973 que os Estados Unidos retiraram o termo “homossexualismo” da lista de distúrbios mentais da *American Psychology Association*, passando a ser utilizado o vocábulo homossexualidade para se referir a população LGBTQ+. No Brasil, entretanto, o novo termo foi aceito apenas em 1985 pelo Conselho Federal de Medicina, retirando-se a homossexualidade da lista de doenças mentais. A mudança do termo se dá devido ao sufixo “ismo” remeter a doença, sendo trocado pelo sufixo “dade” que remete ao termo “modo de ser” (ABGLT, 2010).

Há alguns anos, o movimento LGBTQ+ vem ganhando espaço na mídia brasileira, segundo a ABGLT (2010) visto que um número crescente de reportagens que tratam sobre a sexualidade e a identidade de gênero das pessoas veem sendo publicadas. Todavia, não é sempre que a abordagem é feita de forma justa e correta, mostrando-se, muitas vezes, de forma pejorativa, usando, por exemplo, termos como “homossexualismo”, “o travesti”, etc.

Segundo Green (2015, p. 273), 1978 foi um ano mágico para o Brasil, período este em que, assumidamente, o primeiro grupo social homossexual foi criado com a intenção de

reivindicar direitos para a população LGBT+, ficando conhecido como Somos: Grupo de Afirmação Homossexual.

Ainda dentro desse período, após a criação do Somos, outros grupos foram criados, sendo formados, principalmente, por estudantes e funcionários públicos. Deve-se ressaltar que alguns membros, por terem participado de movimentos contra a Ditadura Militar, trouxeram para dentro desses espaços uma experiência ativista (GREEN, 2015, p. 282). Apesar de esses grupos serem de resistência homossexual, ainda existiam problemas dentro dos mesmos como, por exemplo, o machismo e o racismo, o que, com o passar do tempo, acabou fazendo com que houvesse uma ruptura, provocando, assim, a separação do Somos e a consequente criação de outros grupos como, por exemplo, o “Lésbico Feminista”, que era um grupo onde as mulheres podiam organizar seu movimento em um espaço livre do sexíssimo e machismo.

Dentre os grupos criados a partir da separação do Somos, o Grupo de Ação Lésbica Feminista (GALF) atuava distribuindo folhetos sobre a discriminação que mulheres lésbicas sofriam pela sociedade (SANTOS, 2017).

De acordo com Fernandes (2018), os maiores alvos de violência eram os homossexuais, mulheres e negros. Visando combater esse problema, foram criados o GALF e o Movimento Negro Unificado (MNU), juntamente com grupos homossexuais, divulgaram cartas abertas à população com notas de repúdio a forma que eram tratados perante a sociedade. Foi durante esse período que, no dia 13 de junho de 1980, ocorreu a primeira passeata política em prol desses movimentos. Contudo, nos dias seguintes, em represália aos atos ocorridos, houve operações policiais com o intuito de prender mulheres homossexuais pelas acusações de lesbianismo.

O GALF teve seu fim no ano de 1989. Foram 10 anos de duração compostos por árduas lutas pelos direitos das mulheres e incentivando esforços pela legitimação de espaços homossexuais juntamente com heterofeministas (SANTOS, 2010).

Green (2015, p. 284) ainda diz que com o fim do movimento militar em 1985, criou-se uma falsa esperança de que a democracia havia sido reparada, assim, as minorias sociais iriam expandir-se sem represália, já que os meios de comunicação começavam a transmitir ideias positivas sobre a homossexualidade.

Apesar da reestruturação da democracia, o público LGBT+ continuava tolerando atos de discriminação, ficando evidente que essa população ainda sofria com a deficiência de direitos que pudessem garantir sua segurança. Nos anos de 87 e 88, houve uma campanha

organizada pelo grupo Triângulo Rosa, para que fosse feita uma medida proibindo a discriminação pela orientação sexual (GREEN, 2015, p. 285).

Em 1982 o primeiro caso de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) foi diagnosticado no Brasil, e a maioria dos brasileiros associou essa doença a gays ricos, que tinham oportunidade de viajar para os Estados Unidos a procura de tratamento. Green (2015, p. 286. apud PARKER, 1993, p. 11-12) diz que devido à desinformação e a homofobia presente na sociedade, essa doença foi associada à população LGBT+, pois era o público aparentemente mais afetado, sendo 46,7% e bissexuais 22,1%, homens e mulheres heterossexuais representavam apenas 4,9% dessa população.

Nos primeiros anos do aparecimento da doença, houve um grande pânico entre toda a sociedade e a imprensa denominou a doença como a “peste gay”. Foi então que grupos ativistas homossexuais foram a bares e locais de paqueras em São Paulo, distribuir para população homossexual, folhetos informativos, os quais continham informações sobre a doença (GREEN, 2015, p. 286).

Devido a associação da AIDS com a população LGBT+, Cardinali (2017, p. 114) diz que esse fato criou maiores dificuldades na formação da identidade homossexual, já que essa população era marginalizada, e a doença apenas gerou maiores preconceitos. Com base nesse fato ergueu-se um discurso moralizante sobre a culpabilização da própria vítima em relação a AIDS. Foi assim que surgiu o termo “câncer gay”, que para as entidades religiosas ficou conhecido como “castigo divino”.

Algum tempo depois, o termo “aidético” começou a ser utilizado para designar as pessoas que possuíam a doença. Posteriormente, o mesmo passou a considerado pejorativo, pois de acordo com Cardinali (2017) o termo era associado apenas aos homossexuais, fazendo com que às pessoas diagnosticadas tivessem sua sexualidade exposta de forma agressiva, tornando até mesmo heterossexuais, vítimas de ataques homofóbicos por conta do preconceito.

Com a associação da doença, exclusivamente aos homossexuais, grupos não identificados foram criados na intenção de assassinar essa população. Green (2015, p. 287) diz que segundo o GGB, existiam doze grupos envolvidos em violência e assassinato da população LGBT+, sendo que esses grupos saíram impunes de seus atos.

Uma pesquisa realizada no ano de 1991, pelo Doutor Arnaldo Domingues, que enviou duzentos questionários às clínicas, psicólogos e a 600 homossexuais, revelou entre os médicos, 30% considerava que a homossexualidade merecia condenação, 70% achavam a

bissexualidade uma anomalia e 50% disseram não estar preparados para tratar do assunto, se houvesse pacientes (GREEN, 2015, p. 293).

No âmbito do movimento LGBTQ+ internacional, houve uma grande mudança mundial no final da década de 60, quando policiais americanos, habituado a fazerem batidas nos bares onde a população LGBTQ+ se encontrava, invadiram um bar chamado *Stonewall Inn* em Nova York, ocorrendo, assim, um confronto entre polícia e o público presente no estabelecimento, por não aceitarem a ação dos policiais de tentarem prender o público do estabelecimento (SOUZA; MARTINS, 2011).

Santos (2017, p. 91) diz que o estopim da rebelião se deu quando a polícia tentou levar uma lésbica, cliente do bar, que resistiu à prisão. Neste momento a multidão atacou os policiais com pedras e garrafas e a rebelião seguiu noite adentro. No dia seguinte, estavam espalhadas pelas construções pichações escritas “*gay power*” (“poder gay”).

Os autores ainda dizem que foi a partir desse evento, que a população LGBTQ+ dos Estados Unidos, viu a necessidade da luta por sua autoafirmação, da luta por direitos e igualdade, no dia 28 de junho de 1969, que ficaria conhecido como o “Dia do orgulho gay e lésbico”, incentivando o movimento LGBTQ+ mundo a fora.

2.2 A homofobia no Brasil

Existem duas experiências que grande parte dos homossexuais e/ou transexuais passa em sua vida, a primeira, que é o fato de assumir a própria sexualidade perante a sociedade, e a segunda, é passar pelo sofrimento sofrido dentro de casa (SCHULMAN, 2012). A partir do momento que se assume uma sexualidade que não seja a heteronormativa, a pessoa LGBTQ+ passa a sofrer diferentes formas de preconceito, seja de forma direta ou indireta, dentro ou fora de casa.

A autora ainda diz que as famílias hoje em dia são propensas a apenas “tolerar” um indivíduo homossexual, mantendo-o em uma posição de menor valor se comparado com outros membros da família.

São várias as faces que a homofobia pode assumir dentro de relações familiares, sendo desde pequenas piadas e formas de desrespeito, a exclusão do indivíduo das relações, até mesmo a expulsão de casa (SCHULMAN, 2012).

Natarelli et al. (2015) dizem que na adolescência esse tipo de violência significa muito sofrimento, sendo caracterizada principalmente pelo uso de ofensas perante a

sexualidade do indivíduo, podendo fazer com que essas pessoas tenham uma percepção negativa sobre si mesmas, concebendo dificuldades na criação de hábitos de vida saudável, negligenciando práticas de autocuidado e podendo ocasionar ideias suicidas.

A homofobia tem sido usada como um conjunto de emoções negativas, como ódio, desprezo, e aversão a homossexuais, sendo um sistema de humilhação, exclusão e violência (FEITOSA, 2016).

Conforme senso divulgado pela Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) São Paulo, acredita-se que entre 5,3% a 8,9% das pessoas em situação de rua, pertença a comunidade LGBT+ (SÃO PAULO, 2015).

Ainda de acordo com pesquisas realizadas pela SMADS (SÃO PAULO, 2015), a partir do resultado das amostras, há indícios que entre a população de rua, os homossexuais costumam ser mais jovens que as pessoas heterossexuais nas mesmas condições. Em vários aspectos, a população LGBT+ parece viver situações mais precárias, exercendo a mendicância e atividades marginalizadas como prostituição e consumo de drogas.

A despeito da homofobia se encontrar diariamente na vida da população LGBT+, Borrilo (2010, p. 09) diz que ainda não se sabe ao certo como ela funciona, quais são as dinâmicas de inferiorização que ela usa, e tampouco, passível de compreender seu funcionamento.

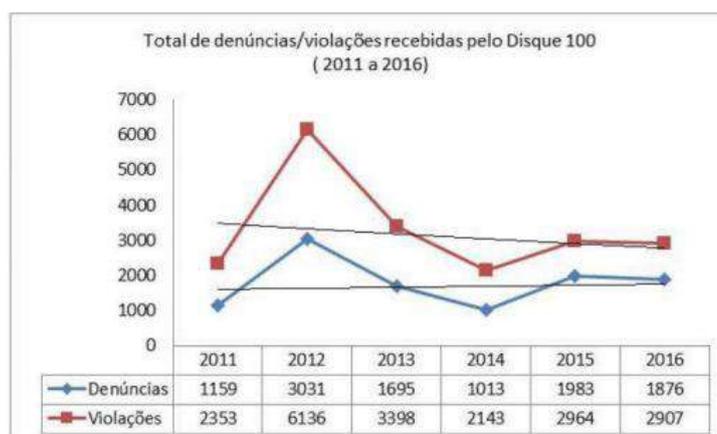
Os gays e as lésbicas não estão imunes a sentimentos homofóbicos. O ódio da sociedade contra os homossexuais pode transformar-se em ódio a si mesmo à maneira do personagem proustiano Charlus, que, na obra *Em busca do tempo perdido*, menospreza violentamente os outros sodomitas. Em uma sociedade em que os ideais de natureza sexual e afetiva são construídos com base na superioridade psicológica e cultural da heterossexualidade, parece difícil esquivar os conflitos interiores resultantes de uma não adequação a tais valores. Além disso, os gays e as lésbicas crescem em um ambiente que desenvolve abertamente sua hostilidade anti-homossexual. A interiorização dessa violência, sob a forma de insultos, injúrias, afirmações desdenhosas, condenações morais ou atitudes compassivas, impele um grande número de homossexuais a lutar contra seus desejos, provocando, às vezes, graves distúrbios psicológicos, tais como sentimento de culpa, ansiedade, vergonha e depressão. (BORRILO, 2010, p. 100).

Com esse forte discurso diminutivo e agressivo, existem as pessoas da comunidade LGBT+ que acabam assimilando esses argumentos preconceituosos para si mesmos de forma inconsciente, apenas reproduzindo um discurso de ódio, que se faz presente na sua vida (BORRILO, 2010, p. 101).

A Ouvidoria de Direitos Humanos (ODH, 2018) – Disque 100, em parceria com o GGB e a RedeTrans Brasil (RedeTrans), em 2016 fizeram pesquisas acerca da violência sofrida pela comunidade LGBT+.

A Figura 2, representa as denúncias e violações recebidas durante o período de 2011 a 2016, tendo um número elevado no ano seguinte a criação desse sistema, porém, havendo em seguida a diminuição nos anos consecutivos (ODH, 2018).

Figura 2: Total de denúncias/violações recebidas pelo Disque 100 no período de 2011 a 2016.



Fonte: Disque 100 - Ministério dos Direitos Humanos.

Mais a fundo, as pesquisas realizadas pela OHD (2018) dividiram em grupos de risco a população LGBT+ para essa pesquisa, sendo a população, gay, lésbica, bissexual, travesti e transexuais.

Apenas no ano de 2016, foram recebidas 104 denúncias relatando violências contra travestis, em relação ao local, 38,8% das vítimas foram agredidas em ruas e vias públicas, seguindo 20,4% nas próprias casas e apenas 4,9% na casa dos suspeitos (ODH, 2018).

Enquanto a população gay, teve um total de 318 denúncias relatando violências, com relação ao local, 27,4% das agressões se deram na casa da vítima, 24,7% em locais não especificados e 23,3% nas ruas (ODH, 2018).

Segundo as pesquisas realizadas pela ODH (2018), apesar das diferenças em número e local das agressões das vítimas, o perfil dos agressores para com as travestis, 39,8% não tiveram seu perfil informado, seguido de homens 37,5%, e mulheres 22,5%. No que diz respeito a etnia do agressor 66,2% não teve seu perfil informado, seguido de 12,8% da cor/raça branca, 13,5% de cor/raça parda e 7,5% de cor/raça preta, enquanto a taxa de idade, 52,6% não soube identificar, seguido de 12,8% com perfil entre 36 a 40 anos.

Enquanto o perfil dos agressores para com os gays se dá, da seguinte forma, 55% de perfil masculino, 25% feminino seguido dos 20% que não foram informados, enquanto da etnia, 46,4% não foi informada, 30,2% são de cor/raça branca, 19,9% da cor/raça parda e 7,5% da cor/raça preta, enquanto a idade dos agressores, 38,6% não soube identificar, seguido de 13,3% com perfil entre 25 a 30 anos (ODH, 2018).

Nota-se uma parcial diferença entre o perfil dos agressores, enquanto as vítimas travestis são majoritariamente agredidas por homens de perfil mais velho, jovens gays têm seus agressores mais jovens (ODH, 2018).

Martins et al. (2010) dizem que basicamente as agressões vividas pela população LGBT+ são ocasionadas por homens, jovens, heterossexuais que possuem tendências a acreditar em ideologias machistas e patriarcais, embora cada segmento homossexual, sofra com nuances e expressões diferentes de LGBTfobia, como visto nos dados acima apresentados pela ODH.

Do mesmo modo que a xenofobia, o racismo ou o antissemitismo, a homofobia é uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como contrário, inferior ou anormal; por sua diferença irreduzível, ele é posicionado a distância, fora do universo comum dos humanos. Crime abominável, amor vergonhoso, gosto depravado, costume infame, paixão ignominiosa, pecado contra a natureza, vício de Sodoma - outras tantas designações que, durante vários séculos, serviram para qualificar o desejo e as relações sexuais ou afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Confinado no papel do marginal ou excêntrico, o homossexual é apontado pela norma social como bizarro, estranho ou extravagante. E no pressuposto de que o mal vem sempre de fora, na França, a homossexualidade foi qualificada como "vício italiano" ou "vício grego", ou ainda "costume árabe" ou "colonial". À semelhança do negro, do judeu ou de qualquer estrangeiro, o homossexual é sempre o outro, o diferente, aquele com quem é impensável qualquer identificação (BORRILLO, 2010, p. 13).

Martins et al (2010) ainda dizem que como a homofobia não está expressa em forma de lei, como racismo e a violência contra a mulher, além da polícia se mostrar ineficiente na resolução de casos, acaba fomentando a discriminação e a violência com essa população.

De acordo com o relatório do GGB (MOTT, 2018) no ano de 2017, os três maiores índices de assassinatos se deram, no estado de São Paulo, em primeiro lugar com 59 mortes, seguido por Minas Gerais, com 45, e em terceiro lugar a Bahia, com 35 mortes. No estado do Mato Grosso houveram 15 casos documentados por LGBTfobia.

Ainda segundo o autor, Mott (2018) diz que “tais números alarmantes são apenas a ponta de um *iceberg* de violência e sangue, pois não havendo estatísticas governamentais sobre crimes de ódio, tais mortes são sempre subnotificadas”.

O relatório apresentado pela ODH (2018) diz que “é possível concluir que a LGBTfobia no Brasil é estrutural, operando de forma a desqualificar as expressões de sexualidade divergentes do padrão heteronormativo”, ou seja, menosprezando qualquer parte da população que se diferencie, como gays, lésbicas, travestis e transexuais.

No ano de 2004, o Programa Brasil sem Homofobia foi criado com o intuito de ajudar na promoção dos direitos humanos da população LGBTQ+, tanto nas políticas públicas como nas estratégias do Governo Federal, produzindo conhecimento para o combate à violência e a discriminação pela orientação sexual, reafirmando que a promoção dos direitos humanos combata qualquer tipo de discriminação e violência, independente de gênero e/ou sexualidade (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004).

2.2.1 Direitos Humanos

De acordo com o Art. 3, Inciso IV da Constituição Federal (BRASIL, 1988), significa “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.”

Porém como já dito anteriormente, a população LGBTQ+ ainda carece de leis públicas que deem o devido auxílio e amparo a essas pessoas diante do contexto social machista, sexista e LGBTfóbico que o Brasil está situado (MOTT, 2018).

Duas conquistas que foram de suma importância para a população homo/trans do Brasil se deram, primeiramente em 2011, com o Supremo Tribunal Federal (2011), com uma Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) n.º 4277, teve o reconhecimento do casamento igualitário entre pessoas do mesmo sexo, sendo reconhecido como entidade familiar, e o seguinte, de acordo com o Decreto Nº 8.727, de 28 de Abril de 2016 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016) quando travestis e transexuais passaram a ter seu nome social aceito em órgãos de serviços públicos.

A partir disto, surgiram algumas conquistas de suma importância para o movimento LGBTQ+ brasileiro, como a linha do tempo na Figura 3.

Figura 3: Linha do tempo, conquistas do movimento LGBT+

Fonte: Autor, 2018.

Embora existam conquistas significativas, ainda há muita luta por direitos e igualdades, principalmente pela falta de legislação vigente que criminalize a LGBTfobia. A ex Deputada Federal Iara Bernardini (PT) com o Projeto de Lei N° 122, de 2006, (SENADO FEDERAL, 2006) havia proposto a punição, na forma de lei, por quaisquer discriminações por gênero, identidade e orientação sexual, porém atualmente o projeto encontra-se arquivado.

2.2.2 A importância de Movimentos Sociais

De acordo com Gohn (2011) estes movimentos são “ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas”. Ações essa que vão desde denúncias, mobilizações, passeatas, até mesmo a atos de desobediência civil, como formas de estratégias para se atingir os resultados esperados. Ainda segundo a autora, os movimentos sociais sempre existiram e existirão, pois estes representam forças sociais organizadas em busca de um, ou vários objetivos.

Para Melucci (1989), o campo dos movimentos sociais, é um dos mais indeterminados que existe, pois possui várias abordagens e conceitos que são difíceis de se definir e comparar.

Enquanto Mutzenberg (2015) diz que os movimentos são um marco sinuoso na história, nas mais diversas cidades e processos civilizatórios.

Quando se fala sobre estes movimentos sociais, destacam-se minorias e grupos marginalizados, grupos estes que englobam todas as pessoas que de alguma forma sofrem preconceito social, seja pela cor, raça, crença ou sexualidade.

“[...] os movimentos são o coração, o pulsar da sociedade. Eles expressam energias de resistência ao velho que oprime ou de construção do novo que liberta. Energias sociais antes dispersas são canalizadas e potencializadas por meio de suas práticas em “fazer propositivos”. (GOHN, 2011, p. 336)

Gohn (2011) diz ainda que o movimento LGBTQ+ começou a ganhar força nesse período, fazendo marchas, passeatas e atos de protesto, juntamente com o movimento negro, ganhou maior visibilidade nas ruas através da criação de uma própria identidade e luta contra a discriminação racial.

Melucci (1989) afirma que são os movimentos sociais que produzem a modernização, estimulam e impulsionam as reformas na sociedade.

2.2.3 O desafio do trabalho formal

De acordo com Siqueira e Zauli-Fellows (2006), o ambiente de trabalho no contexto da diversidade sexual, a população LGBTQ+ é um dos grupos mais marginalizados devido ao heterossexismo, e graças a LGBTQfobia, essas pessoas são obrigadas muitas vezes a mascararem e não demonstrarem sua respectiva identidade, pois, por vezes, podem ser prejudicados na carreira profissional.

Para Carrieri et al. (2013) quando se trata sobre travestis e transexuais, a busca por um trabalho formal é mais difícil, pois por serem considerados adjetos, estão mais suscetíveis a ataques homofóbicos.

Assim, uma das primeiras formas de violência de discriminação que principalmente travestis e transexuais sofrem em busca de oportunidades no mercado de trabalho, é a desvalorização, destituídos de características humanas, não sendo considerados como recursos humanos para o trabalho (CARRIERI et al., 2013).

Siqueira e Zauli-Fellows (2006) ainda dizem que o homossexual vivencia várias experiências nas empresas, como preconceito nos processos de seleção, podendo não serem contratados apenas pelo fator da homossexualidade, a perda de uma promoção, menor ganho de salário, fazem com que esses indivíduos tentem esconder sua orientação sexual para não serem prejudicados no ambiente de trabalho.

Ainda sob a perspectiva dos autores, tratando-se do incentivo à diversidade, e sabendo que o tema pode gerar desconforto entre os indivíduos, as organizações devem ter consciência da necessidade de incentivar o respeito mútuo, desenvolvendo uma cultura de

inclusão no espaço profissional, tendo consciência que a contribuição das habilidades de todos fortalecerá a organização (SIQUEIRA; ZAULI-FELLOWS, 2006).

2.3 Centros Culturais

De acordo com Ramos (2017) os centros culturais ganharam espaço a partir da segunda metade do século XX principalmente em países como França e Inglaterra, passando a incentivar a criação desses espaços de forma a democratizar a cultura para além das tendências de massas.

Enquanto Neves (2012) diz que há indícios sobre as origens dos centros culturais terem se dado na antiguidade clássica, como exemplo a Biblioteca de Alexandria, que abrigava vários tipos de documentos, estátuas, funcionava também como local de estudo e de culto às divindades.

De acordo com Gastaldo (2010), os centros culturais tiveram sua origem nas casas de cultura, inspiradas nos modelos franceses dos anos 50, onde se propunha uma rede de equipamentos culturais, com objetivo de democratizar o acesso à cultura. O autor ainda diz que a Biblioteca de Alexandria ou “museion” constituía um complexo cultural formado por palácios que agregavam os mais diversos tipos de documentos, com o intuito de preservar o conhecimento existente na Grécia Antiga, sendo nos campos da religião, mitologia, astronomia, etc.

Neves (2012) diz que no século XIX surgiram os primeiros centros culturais ingleses, denominados como centros de arte, porém, foi no final da década de 50 que na França, surgiram o que seriam as bases dos centros culturais contemporâneos.

Na França, os centros culturais surgiram como uma opção de lazer para atender a população operária, criando uma valorização do lazer por parte das indústrias e empresas francesas (GASTALDO, 2010).

Ao mesmo tempo em que os centros culturais foram surgindo como modelos de substituição das bibliotecas convencionais, estas foram se modernizando e adquirindo novos espaços, desta forma, tornando-se espaços com formas e funções semelhantes (RAMOS, 2007).

Gastaldo (2010) diz ainda de um lado as bibliotecas funcionavam como centros de cultura, de outro lado, os centros culturais apoiavam-se em suas origens de forma a desenvolver ações de cunho informacional, ações estas antes restritas a bibliotecas.

No Brasil, foi a partir dos anos 60 que se iniciou o interesse pelo segmento de centros culturais, porém, foram nos anos 80 que os primeiros surgiram, em São Paulo financiados pelo estado, que foi o centro cultural do Jabaquara e o Centro Cultural São Paulo (RAMOS, 2017).

Para Neves (2012) um espaço cultural deve além de exercer atividades culturais diversificadas, atender a atributos ambientais para o seu bom funcionamento e à qualidade de bem-estar de seus usuários, estes atributos estão relacionados à democratização dos espaços, integração do público, praças, áreas de convivência, etc.

Os centros culturais são instituições criadas com o objetivo de se produzir, elaborar e disseminar práticas culturais e bens simbólicos, obtendo o status de local privilegiado para práticas informacionais que dão subsídios às ações culturais. São espaços para se fazer cultura viva, por meio de obra de arte, com informação, em um processo crítico, criativo, provocativo, grupal e dinâmico. (NEVES, 2012, p. 02)

Ramos (2017) diz que a ação cultural é o trabalho realizado pelo agente e/ou instituição de cultura, visando facilitar o acesso à produção cultural pela população, sendo assim, a ação cultural deve envolver a possibilidade dos indivíduos serem conduzidos à apreciação crítica da arte, para que a partir daí, os sujeitos possam se expressar de modo a refletir sobre a sociedade na qual estão inseridos, de forma a revitalizar laços sociais, promovendo a cidadania em grupos.

Enquanto para Neves (2012) um espaço de centro cultural não deve funcionar como uma distração, mas ser um local onde existe a centralização de atividades diversificadas que atuam de maneiras interdependentes e multidisciplinares. A autora ainda diz que, os centros culturais devem realizar ações que integram três campos, o trabalho cultural, a circulação de bens culturais e a preservação do campo do trabalho cultural.

Para Dabul (2008) a maior diferença entre museus de arte e os centros culturais, são as diversidades de atividades oferecidas, enquanto os museus eram tradicionalmente voltados para exposição de artes, atualmente, acompanham o formato de centros culturais oferecendo várias atividades.

Um exemplo de centro cultural que pode ser utilizado é o Centro de Cultura Social (CCS) em São Paulo. De acordo com Parra (2011), além de informar, o CCS era um local

para se discutir ideias, sendo comum a troca de conhecimentos após palestras e apresentações teatrais.

Dabul (2008) diz que a presença do público em centros culturais estimula reflexões e ponderações sociais, pois esses espaços de cultura afastam a população de espaços educativos preconizados e idealizados.

Parra (2011) diz ainda que as ações de informar estão ligadas com a disseminação de informação, como serviços públicos de bibliotecas e desenvolvendo atividades que visam oferecer acesso a informações, como palestras e cursos.

Os centros culturais conhecidos hoje seriam como a evolução das tradicionais bibliotecas, pois foram criados novos mecanismos de difusão de informação, maior tecnologia e facilidade de acesso, assim, os centros culturais surgiram como um novo modo de difusor de conhecimento (RAMOS, 2007).

A autora ainda diz que quando se observa os modelos de centros culturais e bibliotecas espalhados pelo mundo, é possível observar uma tendência no acúmulo de funções e o uso de tecnologias para se criar ambientes interativos de arte e cultura.

Dabul (2008) diz que partes significativas dos centros culturais estão localizadas em locais centrais de grandes cidades, oferecendo exposições gratuitas ou a baixos custos garantindo o acesso a população, fomentando também, por meio de setores educativos, investimento na presença de vários tipos de público.

Ramos (2007) já diz que as ações realizadas em centros culturais, devem democratizar e facilitar o acesso à produção de cultura, nesse contexto, uma ação cultural deve envolver a população de forma a ensinar os procedimentos de expressões culturais, assim, esses sujeitos podem se expressar e refletir de que forma estão inseridos na comunidade que vivem. A autora ainda diz que a ação cultural, pode ser considerada como uma intervenção, que utiliza da arte como meio de questionar, revitalizar laços sociais e promover a criatividade em grupos.

Para Parra (2011) as ações culturais são definidas como propostas em grupos, que participam o público e os agentes culturais, de modo que sua finalidade não é simplesmente o entretenimento, mas sim, uma atividade que seja capaz de transformar, sem imposições de um dirigismo.

Neves (2012) diz que as ações realizadas pelos centros culturais e suas características físicas devem ser definidas através do espaço onde ele está inserido e qual será o público que ele atenderá, sendo as atividades realizadas nesse espaço não para as pessoas, mas com as pessoas. Existem três ações que são inerentes aos centros culturais, à criação, que visa à

estimulação de produção de bens culturais por meio de oficinas e educação estética; a circulação de bens culturais, pois assim se evita do espaço se tornar unicamente um espaço de lazer; e a preservação do campo de trabalho cultural, tendo a manutenção necessária para proteger e cuidar da memória daquela coletividade.

Ramos (2007) afirma que independentemente de quais forem às condições de atuação de um centro cultural, ele deve ser um espaço de descoberta, de desvelamento da realidade. Para a autora, um espaço cultural só tem razão de existir se ele estiver comprometido com a formação de sujeitos e sua inserção na coletividade, pois só assim, é possível criar uma sociedade que valorize a diversidade e a coletividade.

Durante os últimos anos no Brasil, houve um aumento nos números de centros culturais, até mesmo para promover as cidades, são geralmente encontrados em locais centrais, de modo a facilitar o acesso do público (NEVES, 2012).

Deste modo, por se tornarem locais de fácil acesso, a população pode participar das atividades oferecidas e disseminar o conhecimento e informação adquiridos, além, de também servir como espaço de integração de pessoas de diferentes classes sociais (NEVES, 2012)

Borges (2007) diz que o objetivo central dos centros culturais, é fazer com que o público adquira consciência de si próprio e do coletivo, promovendo trabalhos em grupos, utilizando matérias sociais, de modo a proporcionar a conscientização sobre as diferentes pessoas e sociedades.

Os centros culturais como instituições de necessidades coletivas precisam também estar atentos às questões de globalização, identidade cultural e a importância do conhecimento do dia a dia, assim, funcionando como equipamento informacional (BORGES, 2017).

As atividades realizadas devem resultar de uma composição de ambientes como bibliotecas, salas de exposições, ateliês, oficinas de arte, salas de internet, adaptando-se a tecnologia virtual, de forma a evitar a criação de barreiras que limitam a procura por espaços culturais, criando ambientes além de educativos, interativos (NEVES, 2012). A autora conclui dizendo que um “centro cultural deve ser um pólo de cultura viva, proporcionando ao público, liberdade de se fazer cultura e favorecendo a sua conscientização”.

2.4 Centros de apoio e acolhimento

Maia (2017) diz que quando o tema é orientação sexual e/ou gênero, o lar pode ser um espaço tão cruel quando o mundo exterior, e a rua acabam se tornando a única opção de sobrevivência para algumas pessoas da população LGBTQ+.

O principal exemplo de casa de acolhimento para LGBTQ+ no Brasil, encontra-se em São Paulo, conhecida como Casa 1. Em entrevista para a revista Glamour, Iran Giusti, criador da Casa 1, conta que em 2015 abriu seu apartamento para abrigar pessoas que foram expulsas de casa devido sua orientação sexual (GLAMOUR, 2016).

Iran conta para a Glamour (2016) que o espaço conta com mais do que apenas oferecer abrigo a essas pessoas, a Casa 1 tem o intuito de servir como um centro cultural, com espaços de palestras e cursos, não somente para os moradores, como também para o público geral.

Esse espaço tem capacidade para abrigar até 20 pessoas por vez, com um tempo limite de três meses, pois existe uma alta procura pela casa (LISBOA, 2017).

Maia (2017) diz que segundo Iran, a procura pela Casa 1 é maior pelo público jovem, entre 18 e 24 anos, principalmente de origens periféricas. Essa casa de apoio conta com ajuda de 40 voluntários, e conta com espaços de aulas de inglês, cursinhos preparatórios para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e atendimentos psicossociais.

Indianara, uma das responsáveis pelo projeto, diz que a casa não trabalha com financiamentos do governo, porém aceitam doações de alimentos, móveis e dinheiro (BOECKEL, 2016).

Iran ainda conta que a casa terá uma gestão autossustentável, assim, as atividades desenvolvidas dentro do espaço irão custear as manutenções do imóvel (GLAMOUR, 2016).

No térreo da casa existe um espaço de bar onde também se realizam sessões de cinema e festas sobre o tema LGBTQ+, sendo uma das formas que a casa encontra para se sustentar, além, de cada morador assumir suas próprias tarefas domésticas (BOECKEL, 2016).

Outro exemplo de casa de apoio ao público LGBTQ+, a Casa Tranvest, que fica em Belo Horizonte, teve início com Duds Falabert, quando ainda se identificava como homem heterossexual. No início, o projeto contava apenas como um cursinho pré-vestibular para travestis e transexuais, hoje em dia, possui também acolhimento de pessoas trans em situação de vulnerabilidade (LISBOA, 2017).

A Casa Nem que se encontra no Rio de Janeiro, de acordo com Nunes (2017), é um local onde travestis e transexuais podem encontrar acolhimento, apoio e uma nova família. É um espaço que conta com oficinas, debates e espaços de empoderamento do público LGBTQ+.

Além de oferecer cursos preparatórios para ENEM, a casa Nem conta com aulas de costura, fotografia, libras e história da arte, voltados principalmente para o público trans e travestis (NUNES, 2017).

Em Manaus, o grupo Manifesta LGBTQ+ lançou uma campanha para conseguirem realizar o projeto de uma casa de acolhimento, que foi inspirada na Casa 1, que pretendem não só acolher, mas juntamente com o poder público e o setor privado, reinserir essa população novamente na sociedade e no mercado de trabalho (MAIA, 2017).

Gabriel Mota, presidente do grupo Manifesta LGBTQ+, disse em entrevista que a casa de acolhimento pretende funcionar por doze meses, atendendo pelo menos oito pessoas, dando todo o amparo de serviços sociais no período de três a seis meses (OLIVEIRA, 2017).

Em Maringá, PR, o Projeto Camargo Casa de Missão Amor Gratuito, funciona como um projeto ecumênico da Igreja Católica da cidade, porém não é necessária qualquer ligação com a Igreja. Paula, mulher transexual, voluntária e pastora do espaço, diz que “o modo com que as Igrejas fundamentalistas pregam que é pecado, faz a comunidade LGBTQ ter um trauma das igrejas” (LISBOA, 2017).

Assim, esses espaços são locais onde a comunidade LGBTQ+ consegue um mínimo de direitos garantidos, sendo locais onde as pessoas podem ser quem elas desejam ser e serem respeitadas por isso (NUNES, 2017).

3. METODOLOGIA

Para atingir o propósito de idealização de um centro cultural e de apoio, o estudo irá contar com uma revisão de literatura que demonstrará as dificuldades enfrentadas pela população LGBT+ em diversas áreas, de forma a tentar entender os fatores que levam essas pessoas à exclusão, concebendo assim a importância da área de proteção e acolhimento.

3.1 Pesquisa Qualitativa

De acordo com Gil (2002, p. 17) “pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”

A pesquisa então é desenvolvida mediante os conhecimentos disponíveis somadas a utilização de métodos e procedimentos científicos de forma adequada, até a apresentação de resultados (GIL, 2002, p. 17).

Guerra (2014) diz que a metodologia qualitativa é de um ponto de vista, onde o ser humano é visto de forma contínua, não passiva, diferente de objetos, por isso necessita de metodologias de pesquisa que considere essas diferenças.

Gil (2002, p. 133) diz que a pesquisa qualitativa é menos formal, pois dependem muito de fatores como natureza, dados coletados, instrumentos de pesquisa, que envolvem uma redução de dados, categorização e interpretação.

Dessa forma, no estudo qualitativo objetiva-se por aprofundar na compreensão dos fenômenos que são estudados, como as ações dos indivíduos, grupos e/ou organizações nos seus ambientes e contextos sociais (GUERRA, 2014).

O método qualitativo de pesquisa busca explicar o porquê dos acontecimentos, não quantificando valores e não se submetem a prova de fatos, pois é uma pesquisa que se vale de diferentes abordagens e interpretações (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

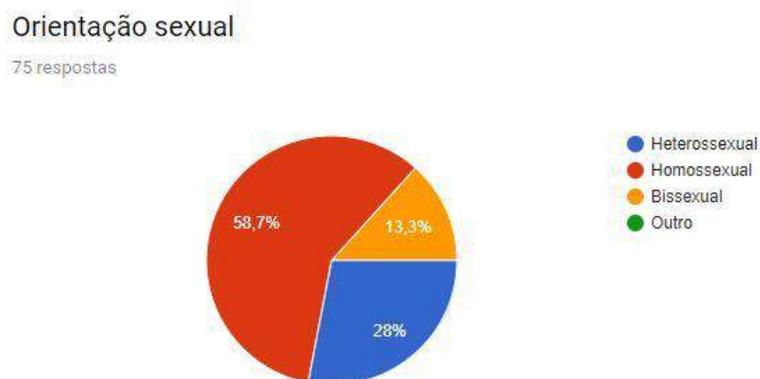
3.2 Aplicação de questionário

Viu-se a necessidade de aplicação de um questionário para se determinar a relevância do tema abordado e uma ideia do público.

As primeiras perguntas foram de viés obrigatório, pedindo sobre a orientação sexual e identidade de gênero dos participantes, as demais perguntas deveriam ser respondidas por extenso, contando sobre as experiências de vida.

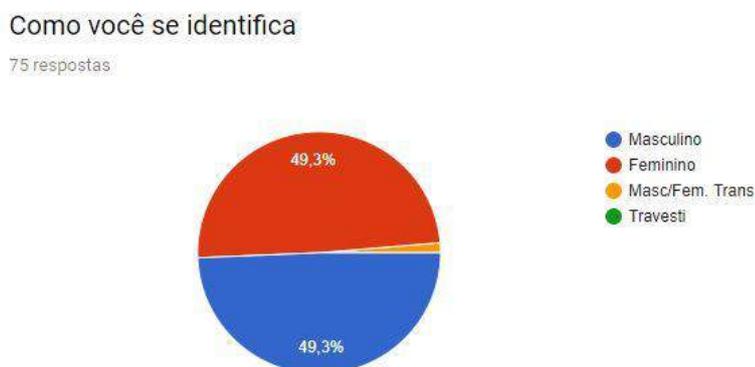
O Gráfico 1, apresenta dados acerca da orientação sexual dos participantes da pesquisa, entre os 75 indivíduos que responderam as perguntas, 44 se declaram homossexuais, 10 bissexuais e 21 heterossexuais.

Gráfico 1: Orientação sexual.



Fonte: Autor (2018).

No Gráfico 2, são apresentados dados em relação a identidade de gênero dos participantes da pesquisa, entre os 75 participantes que responderam às perguntas, 37 pessoas no gênero feminino, 37 pessoas no gênero masculino e apenas 1 se identificando como masc./fem. trans.

Gráfico 2: Identidade de gênero.

Fonte: Autor (2018).

De forma anônima, os participantes do questionário puderam relatar acontecimentos vividos por eles mesmos ou por conhecidos, respondendo perguntas que vão desde profissão, reação da família ao assumirem-se e quais foram as maiores dificuldades enfrentadas durante e após esse processo.

Para exemplificar, os casos serão postos em ordem alfabética, sendo cada pessoa designada por uma letra, como caso A, caso B, e assim por diante.

Uma das perguntas feitas no questionário pede a opinião sobre o movimento LGBTQ+, e se o participante acredita ser importante a disseminação de conhecimento sobre a causa, onde o participante A, responde:

“A conscientização da população é de extrema importância para que a gente possa atingir níveis de empatia e respeito ao próximo maiores. A discussão sobre a luta e o movimento LGBTQ são importantes para que as pessoas que desconhecem ou têm conceitos errados sobre essa população tenham a oportunidade de quebrar seus próprios paradigmas, rumo à uma sociedade mais gentil e unificada.”

Enquanto o participante **B**, ao responder sobre o processo de se assumir perante família e amigos, diz: “Foi um processo traumático. Eu tinha 13 anos e meus pais não aceitaram. Sofri muita violência física e verbal. Hoje tenho 25 anos e eles ainda não aceitam, mas toleram. O restante da família lida bem com a questão e meus amigos nunca tiveram problemas com isso”.

Até mesmo casos como o participante C, que possui contato com um colega que foi demitido do serviço e relata, “Não só conheço como já sofri com isso. Conheço também uma pessoa que foi mandada embora por ser afeminada, os funcionários ficaram indignados e protestamos para que a pessoa fosse readmitida”.

Dessa forma, ao se relatar casos de homotransfobia, evidencia-se a necessidade sobre o estudo e a conscientização sobre minorias sociais e a importância de espalhar o conhecimento sobre.

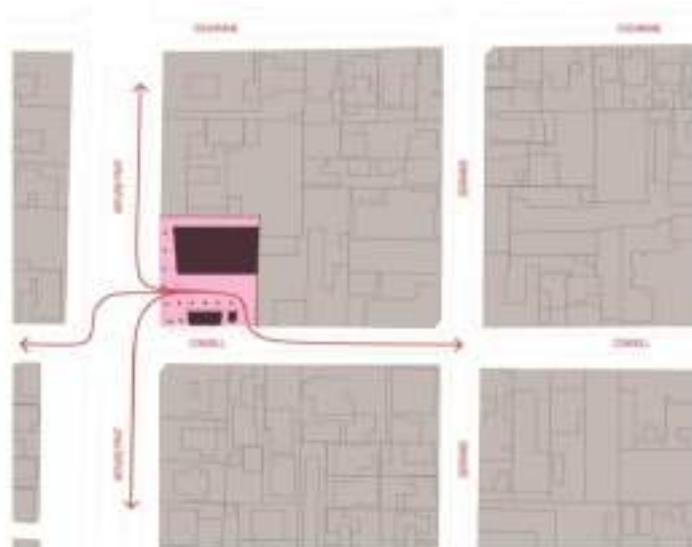
4. ANÁLISE DE CORRELATOS

Buscando referenciar o projeto que derivará desta pesquisa, este capítulo estudará projetos com semelhanças de programa, implantação e aspectos plásticos desejados.

4.1 Centro cultural Arauco

O centro cultural Arauco (CCA), localizado no Chile, na região de Bío Bío, projetado pelos arquitetos Mirene Elton e Mauricio Léniz, conta com uma área total de 1.400m². O edifício foi construído de forma a substituir antigos prédios em um terreno de esquina como demonstra a Figura 4, e melhorar a região após terremoto que ocorreu em 27 de fevereiro de 2010 (ARCHDAILY, 2018).

Figura 4: Localização e acessos.



Fonte: ArchDaily. (2018). (adaptado pelo autor)

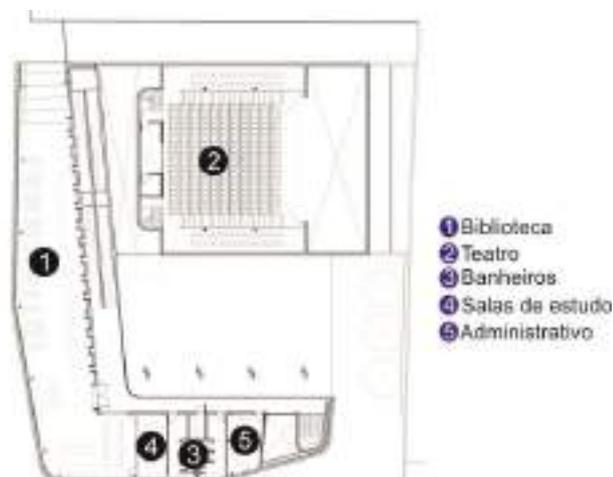
O CCA teve como partida a necessidade de espaços e funcionamentos que integrassem a comunidade através de diferentes agentes culturais. Segundo os arquitetos, o CCA é um local de encontro, de participação e expressões artísticas e culturais, sendo que, o projeto foi descrito em três operações (ARCHDAILY, 2018).

A primeira operação que descreve o projeto é a setorização das atividades, sendo, no térreo como demonstra a Figura 5, as áreas de teatro, café, exposições e salas de multiuso, enquanto no pavimento superior, Figura 6, foi onde se deu a segunda operação, sendo uma área mais privativa, idealizado de forma a cobrir parte do passeio público tornando a circulação protegida do sol e convidativa (ARCHDAILY, 2018).

Figura 5: Setorização CCA (a) pavimento térreo



(b) primeiro pavimento Centro Cultural Arauco



Fonte: ArchDaily (2018). (adaptado pelo autor).

A terceira operação foi a disposição dos volumes, gerando um grande vão no interior do edifício, tendo assim, espaço de praça, um *foyer* do centro e áreas de fácil acesso ao interior do edifício, tornando-se um espaço para eventos públicos, ou apenas uma área de convívio social (ARCHDAILY, 2018).

Figura 6: Fachada Centro Cultural Arauco



Fonte: ArchDaily, 2018.

A estrutura do edifício se dá de duas formas, o pavimento térreo, desenvolvido em concreto armado e uso de pilotis, como medida de segurança devido ao antigo terremoto e o primeiro pavimento, em estrutura metálica, enquanto para a fachada, tem-se o uso de vidro e brises em madeira dispostos de modo a controlar a reentrância de luz solar, conforme a Figura 6 (ARCHDAILY, 2018).

4.2 Centro Comunitário Rehovot

O centro comunitário Rehovot (CCR) localizado na cidade de Rehovot, em Israel, é um projeto assinado pelos arquitetos Etan Kimmel, Michal Kimmel Eshkolot, entre outros, contando com uma área total de 2.500m².

O edifício contém estúdios de dança, música, salas multifuncional, biblioteca que atua também como um centro de multimídia, atraindo assim visitantes de todas as idades para uma extensa variedade de atividades, sendo construídos de formas separadas, para que possam operar tanto separadamente como em conjunto. Um dos quesitos que deveriam ser atendidos na elaboração do projeto era que o CCR possuísse uma escala urbana amigável, que

não apenas os usuários pudessem desfrutar da praça interna do projeto, mas que os pedestres a utilizassem como atalho, tendo que passar pelo projeto (ARCHDAILY, 2017).

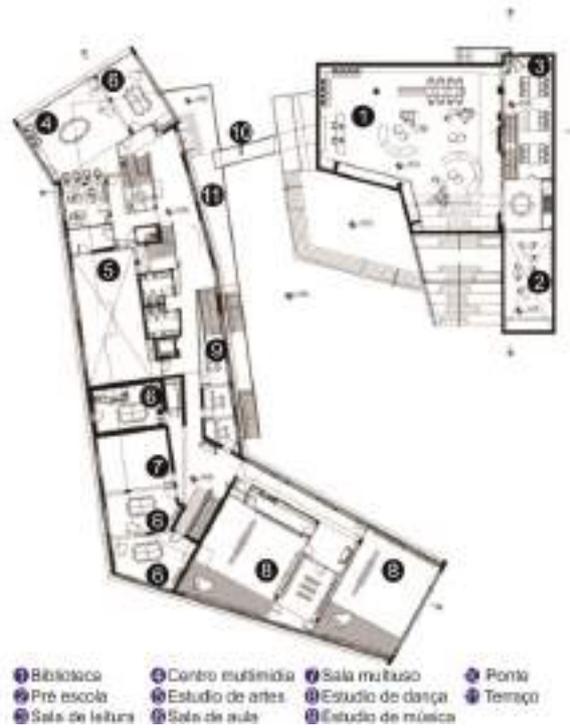
O edifício é projetado de forma que as atividades sejam expostas ao público exterior, atraindo assim as pessoas a participarem de suas atividades, na Figura 7 (a) onde é demonstrado o espaço térreo, ficam os espaços de biblioteca, auditório, sala de artesanato.

Na figura 7 (b), o primeiro pavimento, além de também possuir uma biblioteca, possui salas para vários tipos de aula como dança, artes, salas de leitura e um estúdio de música. Já na Figura 7 (c), observa-se o segundo pavimento, que possui uma área mais aberta, com terraço, arquibancada e uma galeria de leitura.

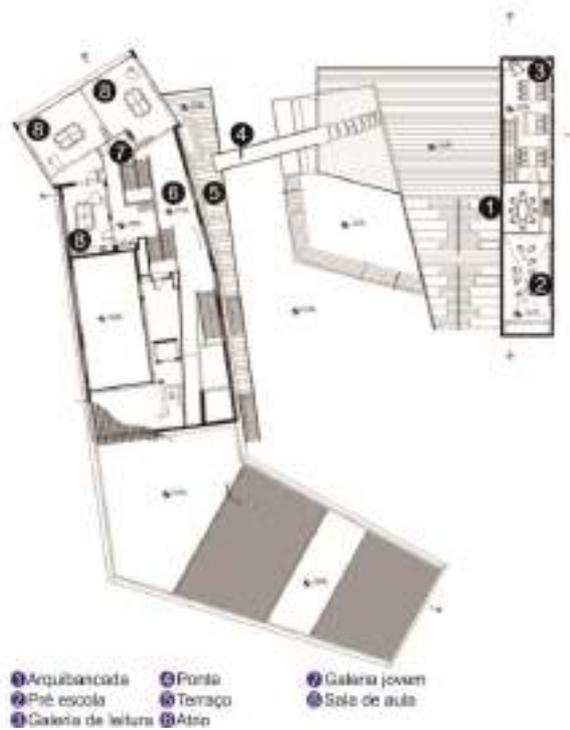
Figura 7: Centro Comunitário Rehovot (a) planta layout térreo



(b) Planta layout 1º pavimento.



(c) Planta layout 2º pavimento.



Fonte: AECCAFE (2017). (adaptado pelo autor).

As fachadas do edifício, conforme Figura 8, foram tratadas com elementos sombreados de perfis de bambu, sendo que o pátio possui sombra a maior parte do ano, e devido à criação de dois blocos separados, há também a proteção contra ruídos externos (ARCHDAILY, 2017).

Figura 8: Fachada Centro Comunitário Rehovot.



Fonte: ArchDaily (2017).

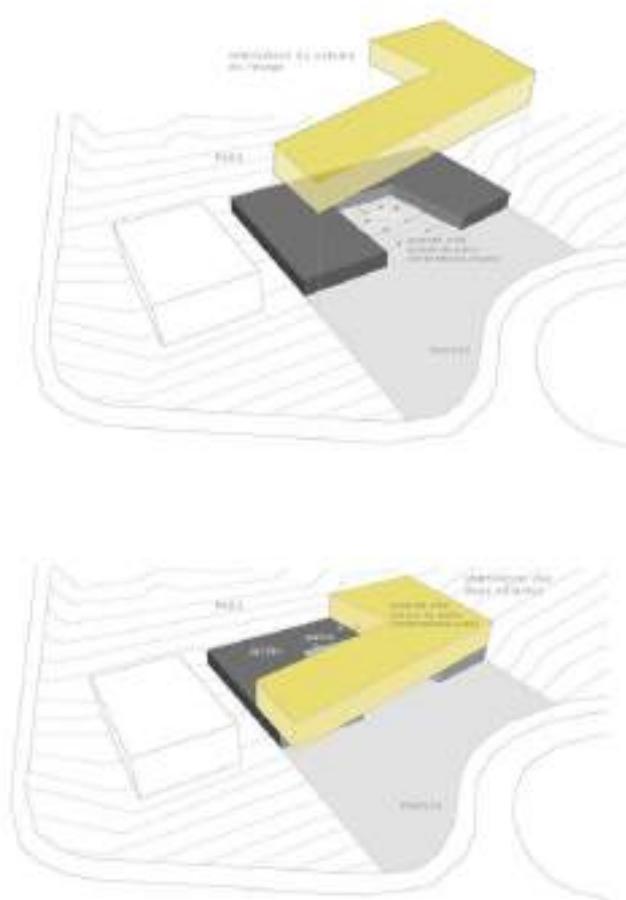
Todo o Centro comunitário foi projetado de forma a possuir acessibilidade. Em seu terraço possui também um acesso separado a ala jovem através de uma ponte, criou-se assim um espaço mais intimista para atividades ao ar livre (ARCHDAILY, 2017).

4.3 Centro social em Abuenas

Projetado pelo escritório Composite Architectes, de modo a servir como um ativador social, já que foi construído em um local que se encontra em total reorganização em Abuenas, na França.

O projeto conta com dois volumes sobrepostos, conforme Figura 9, sendo o térreo em forma de “U” e o pavimento superior em “L”, com a sobreposição desses pavimentos, cria-se um pátio interno sombreado, assim, tem-se uma porta de acesso entre o espaço público e o espaço privado (ARCHDAILY, 2013).

Figura 9: Sobreposição de volumes

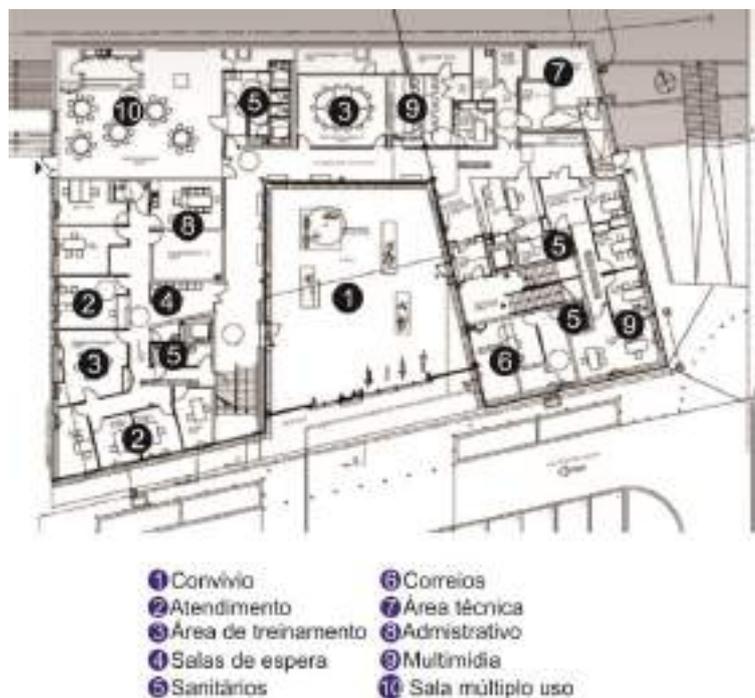


Fonte: Archdaily (2013)

O edifício conta com escritórios de ações sociais como de atenção à juventude, centros multimídias, salas de múltiplo uso, salas de aula, etc. (ARCHDAILY, 2013).

O pavimento térreo ficou setorizado como “missão local”, pois possui as áreas de atendimento ao público, Figura 10 (a), como a grande quantidade de escritórios que são setorizados, além das salas de treinamento e de uso múltiplo.

Figura 10: Planta layout Centro Social (a) pavimento térreo



(b)planta layout pavimento superior



Fonte: Archdaily (2013). (adaptado pelo autor)

Enquanto o pavimento superior, Figura 10 (b), é conhecido como “economia solidária”, já que possuem os espaços de trabalho, espaços jovens e até mesmo espaços cedidos para terceiros.

A estrutura principal do centro social é feita em concreto e metal, transmitindo leveza e inércia térmica, enquanto na fachada, Figura 11, possuem-se brises de madeira que transmitem uma imagem calorosa (ARCHDAILY, 2013).

Figura 11: Fachada Centro Social em Abuenas



Fonte: Archdaily (2013).

4.4 Considerações dos estudos de caso

Os três estudos de caso estão enquadrados nos termos de centro cultural e comunitário, porém, possuem usos diferentes.

O primeiro Centro Cultural Arauco, se destaca devido ao uso de materiais na fachada, que transmite a sensação de leveza e amplitude devido o grande uso de vidro, deixando assim, transparecer as atividades realizadas em seu interior de forma convidativa.

O segundo estudo de caso, o Centro comunitário Rehovot, possui um programa de necessidades parecido com o desejado nessa monografia, além de haver a setorização de espaços, criando blocos separados que trabalham de forma conjunta, conectados por uma ponte de acesso.

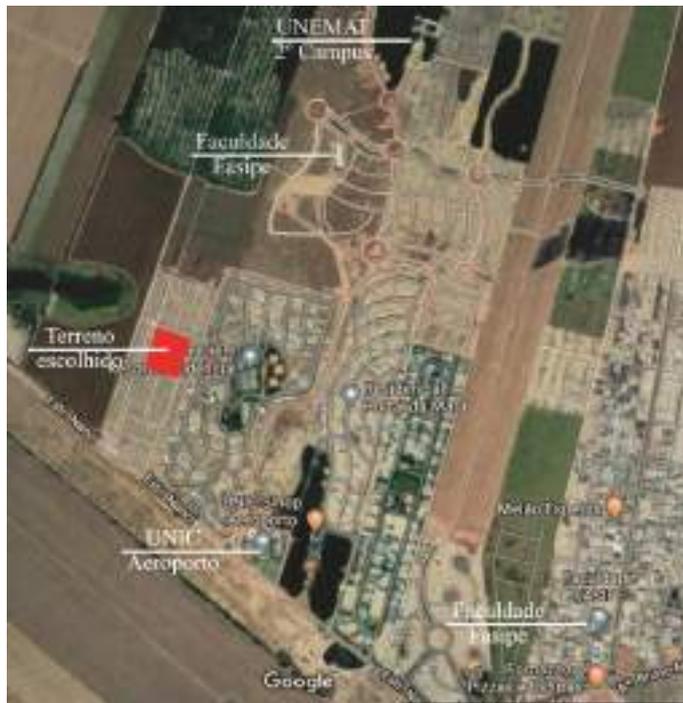
Enquanto o Centro Social em Aruenas se destaca pela sobreposição dos pavimentos, gerando uma planta com espaços bem delimitados, além de possuir um jardim em seu terraço, tornando o local mais agradável para seus usuários.

5. O PROJETO

5.1 Terreno

O terreno escolhido se encontra no Bairro Residencial Paris na cidade de Sinop - MT, sendo configurado como Área Institucional. O terreno foi escolhido por se encontrar próximo a universidades como Unic Aeroporto, Faculdade Fasipe e Unemat 2º Campus, assim, as pessoas que necessitam do uso dos alojamentos do projeto, possuem também a opção de frequentar uma das instituições de ensino superior próximas, conforme imagem 12.

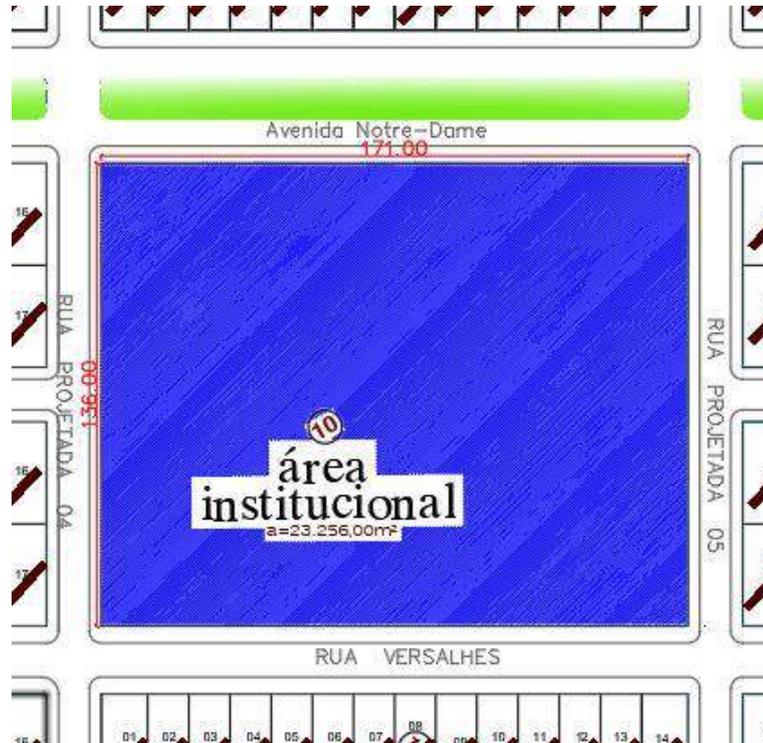
Figura 12: Localização terreno e proximidades



Fonte: Google Maps (2019). (adaptado pelo autor)

Possui um tamanho total de 23.256,00m², sendo seus confrontantes ao Norte com 171,00m a Avenida Notre-Dame, ao Sul com 171,00m a rua Versalhes, a Leste com 136,00m a rua Projetada 05 e a Oeste com 136,00m a rua Projetada 04.

Figura 13: dimensões do terreno



Fonte: Prefeitura Municipal de Sinop (2019). (adaptado pelo autor)

Figura 14: planta de situação do terreno

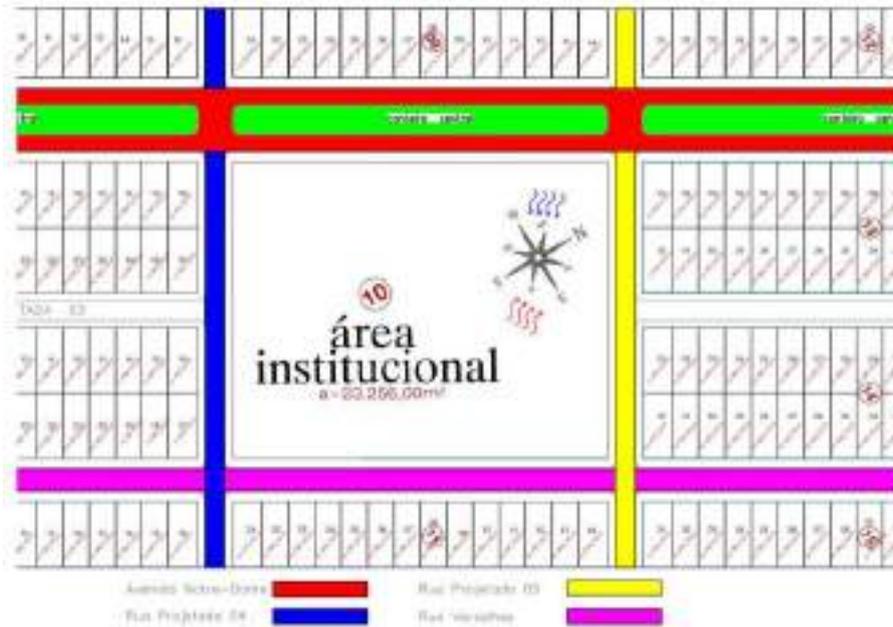


Fonte: Prefeitura Municipal de Sinop (2019). (adaptado pelo autor).

5.2 Denominação e sentido das vias

O principal acesso ao terreno se dá por meio da Avenida Notre-Dame, tendo acessos secundários pela Rua Projetada 04, Rua Projetada 05 e a Rua Versalhes, conforme a imagem 15 e 16.

Figura 15: Denominação das vias



Fonte: Prefeitura Municipal de Sinop (2019). (adaptado pelo autor)

Figura 16: Sentido das vias



Fonte: Prefeitura Municipal de Sinop (2019). (adaptado pelo autor)

5.3 Topografia

O terreno possui uma topografia plana, característica em grande parte da cidade de Sinop, conforme mostra figura 17.

Figura 17: Topografia do terreno



Fonte: Google Imagens (2019)

5.4 Parâmetros Urbanísticos

Figura 18. Parâmetros urbanísticos de Sinop - MT

ANEXO I
ANEXO VII
QUADRO I
PARÂMETROS URBANÍSTICOS PARA OCUPAÇÃO DOS SOLO NA MACROZONA URBANA

Zonas	Usos Permitidos	Altura Máxima (pavimento s)	Dimensões mínimas dos lotes internos (metros)			Dimensões mínimas dos lotes de esquinas (metros)			Coeficiente de Aproveitamentos (CA)			Taxa de Ocupação Máxima (TO)	Taxa de Permeabilidade de Mínima
			Testada	Compr.	Área	Testada	Compr.	Área	Mínimo	Básico	Máximo		
ZR	ZRR	2	12	30	360m ²	15	30	450m ²	0,15	1,34	-----	60%	20%
	ZRP I	2	12	30	360m ²	15	30	450m ²	0,15	1,34	-----	60%	20%
	ZRP II	4	12	30	360m ²	15	30	450m ²	0,15	-----	-----	20%	
	ZRP III	8	12	30	360m ²	15	30	450m ²	0,20	(*)	-----	(*)	(*)
	ZRE	4	12	30	360m ²	15	30	450m ²	0,20	-----	4,00	(*)	(*)
ZC	ZC I	4	12	30	360m ²	15	30	450m ²	0,20	-----	-----	20%	
	ZC II	4	12	30	360m ²	15	30	450m ²	0,20	(*)	-----	(*)	20%
	ZC III	4	12	30	360m ²	15	30	450m ²	0,25	-----	-----	20%	
ZI	ZI I	2	20	40	800m ²	25	40	1000m ²	0,20	3,30	-----	70%	20%
	ZI II	4	30	50	1500m ²	35	50	1750m ²	0,20	2,00	-----	60%	25%
ZED	ZED I	21	12	30	360m ²	15	30	450m ²	0,25	3,30	5,00	(*)	(*)
	ZED II	21	14	30	320m ²	16	30	480m ²	0,25	3,50	5,00	(*)	(*)
	ZED III	21	14	32	448m ²	16	32	512m ²	0,30	3,75	5,00	(*)	(*)
ZE													
	ZEDEC	4	-----	-----	-----	-----	-----	-----	0,15	-----	(*)3	40%	30%

Fonte: Plano diretor de Sinop - MT

Dessa forma, no Residencial Paris o terreno se configura como área comercial e conforme figura 21, as edificações podem possuir uma altura máxima de dois pavimentos (térreo + pavimento superior), tendo um Coeficiente de Aproveitamento de 1,34%, taxa de ocupação de 80% e área mínima permeável de 20%.

Figura 21. Índices, recuos e demais restrições de uso.

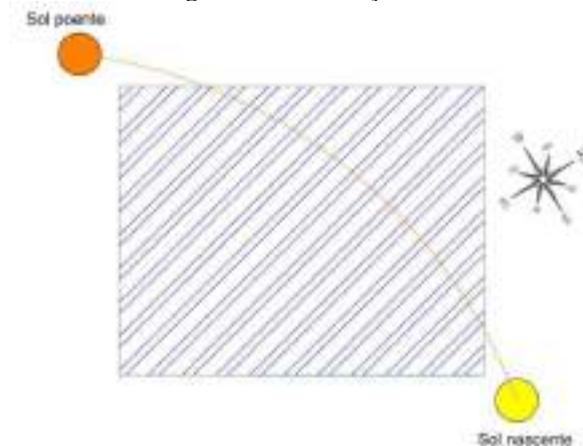
Usos	Altura Máxima (*)	Coef. de Aproveit. (CA)	Taxa de Ocupação (TO)	Taxa de Perm. Mínima	Recuos Mínimos Obrigatórios (metros)		
					Frente	Lateral	Fundos
Residencial	02 Pavimentos (térreo e 1º)	1,34	60%	20%	5,00 esq. 2,50	1,50 s/abert. Disp.	1,50 s/abert. Disp.
Comercial	02 Pavimentos (térreo e 1º)	1,34	80%	20%	Sem recuo	1,50 s/abert. Disp.	1,50 s/abert. Disp.
Industrial	02 Pavimentos (**) (térreo e 1º)	1,40	70%	20%	5,5	2,0	3,5
Diversos	Do 3º ao 4º pavimento	2,00	65%	20%	3,00 esq. 2,50	2,5	2,5
Diversos	Do 5º ao 6º pavimento	2,50	50%	20%	4,00 esq. 2,50	3,0	4,5
Diversos	Do 7º ao 8º pavimento	3,50	40%	20%	4,50 esq. 2,50	4,0	5,5
Diversos	Do 9º ao 15º pavimento	4,50	33%	20%	5,00 esq. 2,50	6,50 s/abert. 5,00	5,50 s/abert. 5,00
Diversos	Do 16º ao 21º pavimento	5,00	25%	20%	5,00 esq. 2,50	7,50 s/abert. 5,00	6,50 s/abert. 7,00

Fonte: Plano Diretor de Sinop - MT

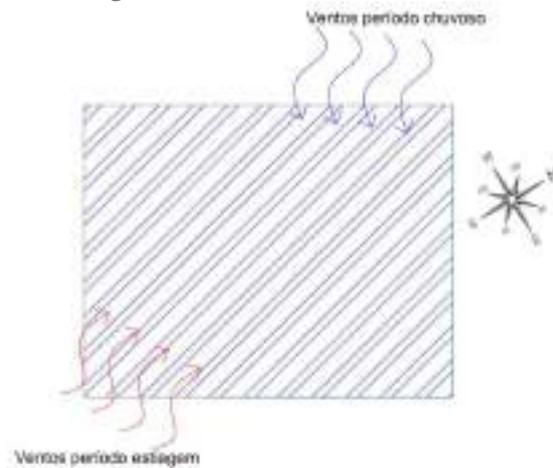
5.5 Orientação do sol e ventilação

A partir da localização do terreno foi feito estudo de insolação e ventos para se conhecer as predominâncias de luz solar e ventos, conforme imagem 22 e 23.

Figura 22: Orientação solar



Fonte: Autor (2019)

Figura 23: Predominância dos ventos

Fonte: Autor (2019)

5.6 Programa de necessidades e pré-dimensionamento

Atualmente não se tem um número exato nem aproximado de pessoas LGBT+ existentes, assim, o dimensionamento e programa de necessidade se deu através dos estudos correlatos já apresentados.

O programa de necessidades foi pensado de modo a suprir às necessidades básicas das pessoas que irão utilizar o espaço, sendo dividido em três setores principais, o Centro Cultural, Área de lazer e Área de alojamentos.

Cada setor possui seus ambientes específicos com áreas pré-dimensionadas, que serão apresentados a seguir.

5.6.1 Centro Cultural

O centro cultural irá contar com dois pavimentos, térreo e superior, sendo pré-dimensionados de acordo com tabela 1.

Tabela 1 (a) - Pré-dimensionamento Centro Cultural térreo

Item	Quantidade	Área
Anfiteatro e foyer	01	390,14m ²
Praça de alimentação	01	148,86m ²
Biblioteca	01	136,19m ²
Banheiro Masc e PCD	02	37,20m ²
Banheiro Fem e PCD	02	37,20m ²
Sala de artesanato	01	85,85m ²
Cozinha e atendimento	02	95,58m ²
Circulação	01	122,23m ²
Acesso pav. sup.	01	27,62m ²

(b) Pré-dimensionamento Centro Cultural pavimento superior

Item	Quantidade	Área
Área de apoio	01	132,50m ²
Áreas de convívio	02	157,47m ²
Área administrativa	01	173,55m ²
Banheiro Masc e PCD	02	42,15m ²
Banheiro Fem e PCD	02	42,15m ²
Salas de aula	01	393,37m ²
Circulação	01	91,97m ²

Fonte: Autor, 2019.

Apesar dos banheiros masculinos e femininos serem separados, eles irá atender não exclusivamente a pessoas cisgênero, que são pessoas que se identificam em todos os aspectos com o seu gênero de nascença, mas sim, atendendo as pessoas de seu determinado uso independente de orientação e identidade, como exemplo, o banheiro feminino irá atender a todas as mulheres cisgênero, mulheres transexuais e travestis, assim como o banheiro masculino irá atender a homens cisgênero e homens transexuais.

5.6.2 Alojamentos

Os alojamentos irão contar com dois pavimentos, quartos individuais, sendo todos suítes, os mesmos irão conter cozinha e a lavanderia comunitária por pavimento, sendo suas áreas demonstradas na tabela 2.

Tabela 2 (a). Pré-dimensionamento alojamento térreo

Item	Quantidade	Área
Quartos	09	9,00m ²
Quartos PCD	06	9,00m ²
Cozinha	09	11,12m ²
Cozinha PCD	06	11,87m ²
Banheiro	09	3,90m ²
Banheiro PCD	06	4,80m ²
Lavanderia e estendal	03	21,00m ²
Circulação	03	46,83m ²

(b) Pré-dimensionamento alojamento pavimento superior

Item	Quantidade	Área
Quartos	15	9,00m ²
Cozinha	15	11,12m ²
Banheiro	15	3,90m ²
Lavanderia e estendal	03	21,00m ²
Circulação	03	46,83m ²

Fonte: Autor (2019)

5.6.3 Espaço de Triagem

Para garantir uma melhor qualidade ao público que irá utilizar o espaço de alojamento, foi dimensionado um espaço de triagem, conforme tabela 3, que servirá além do primeiro contato com a população, servirá também para garantir a participação na programação oferecida pelo Centro, tanto das aulas e cursos como dos auxílios de saúde.

Tabela 3. Pré-dimensionamento espaço de triagem

Item	Quantidade	Área
Recepção	01	13,40m ²
Salas de atendimento	02	10,65m ²
Banheiros PCD	03	4,25m ²
Circulação	01	2,40m ²

Fonte: Autor (2019)

5.6.4 Guaritas

Serão construídas duas Guaritas, uma principal que servirá para entrada tanto de carros quanto de pedestres ao interior do terreno, dando para os espaços abertos de clareiras e áreas de lazer, enquanto a guarita para pedestres se encontrará próxima ao centro cultural, como ele será a única edificação não murada, viu-se a necessidade de locar uma guarita menor para passagem de pedestres, sendo suas áreas conforme tabela 4.

Tabela 4. Pré-dimensionamento guaritas

Item	Quantidade	Área
Guarita principal		
Guarita	01	12,92m ²
Copa	01	8,92m ²
Lavabo	01	2,60m ²
Guarita pedestre		
Guarita	01	13,82m ²
Lavabo	01	2,01m ²

Fonte: Autor (2019)

5.6.5 Demais construções

As demais construções são destinadas a casa de lixo, casa de máquinas e banheiro público conforme tabela 5.

Tabela 5. Pré-dimensionamento demais construções

Item	Quantidade	Área
Guarita principal		
Casa de lixo	01	12,69m ²
Casa de máquina	01	6,00m ²
Banheiro Masc e PCD	01	15,20m ²
Banheiro Fem e PCD	01	15,20m ²

Fonte: Autor (2019)

5.6.6 Áreas abertas

As áreas abertas são destinadas a uso de estacionamento, deck com piscina e áreas verdes de convívio, conforme tabela 6.

Tabela 6. Pré-dimensionamento áreas abertas

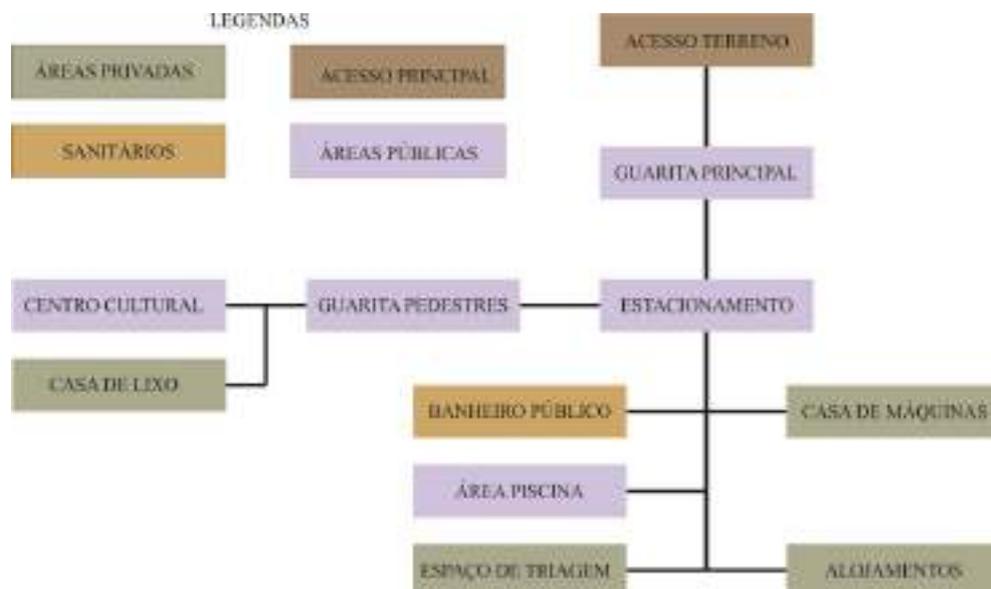
Item	Quantidade	Área
Guarita principal		
Área piscina e deck	01	250,00m ²
Área verde	--	918,79m ²
Estacionamento	01	2.008,84m ²
Calçada	--	3.904,71m ²
Quadra poliesportiva	01	432,00m ²

Fonte: Autor (2019)

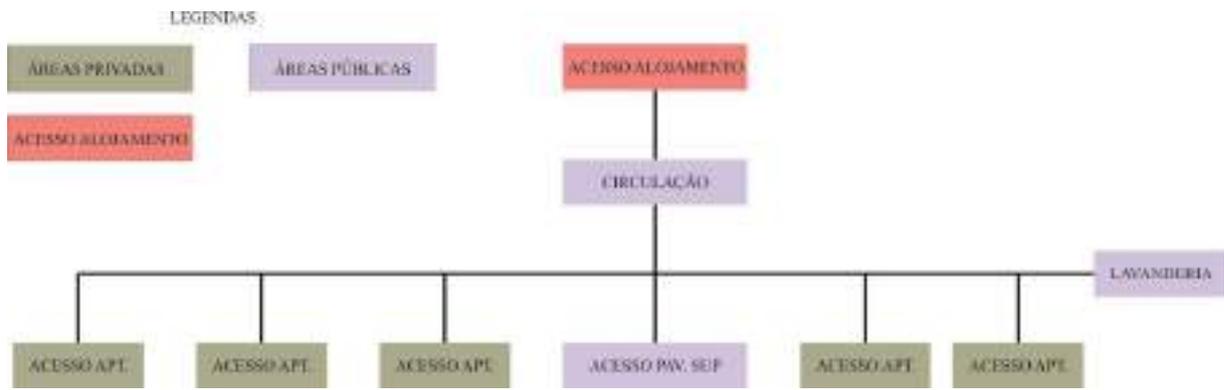
5.7 Fluxograma

Os fluxogramas serão separados de acordo com cada edificação necessária que contenha mais que um ambiente, onde casa de lixo, casa de máquinas, área de piscina e quadra poliesportiva apenas aparecerão no fluxograma geral, conforme imagem 24.

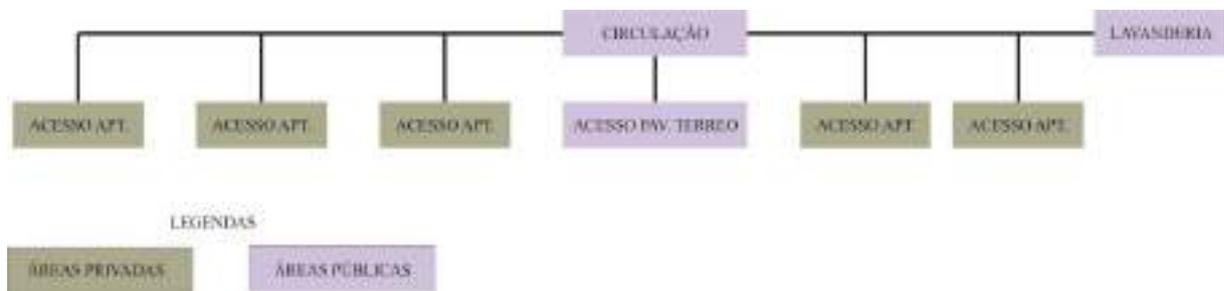
Figura 24 (a). Fluxograma terreno



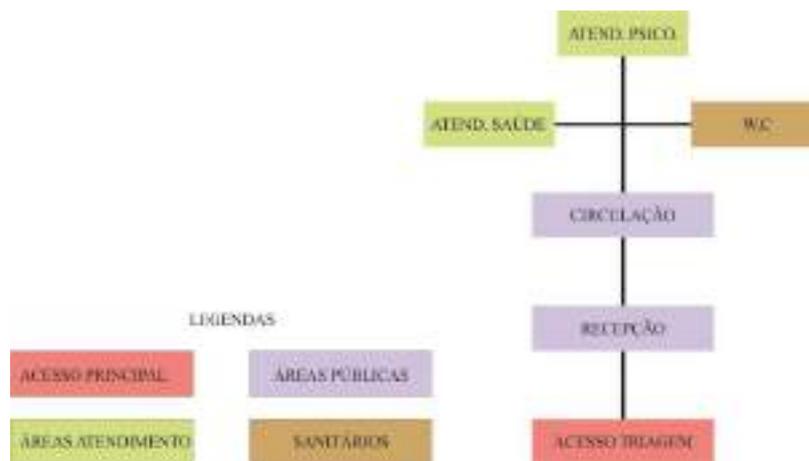
(d) Fluxograma alojamento térreo



(e) Fluxograma alojamento pavimento superior



(f) Fluxograma espaço de triagem

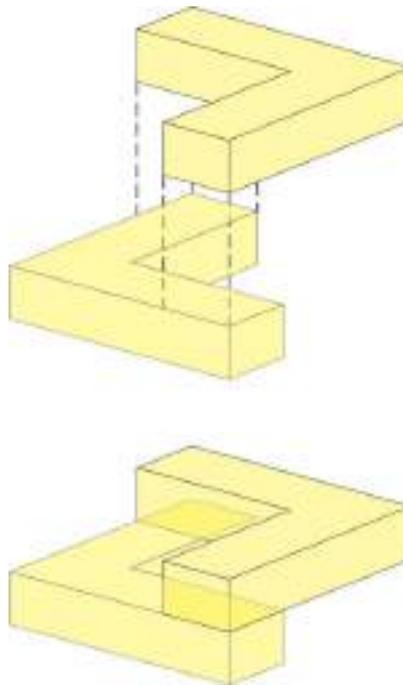


Fonte: Autor (2019).

5.8 Partido Arquitetônico

O partido arquitetônico surgiu a partir da proposta de sobrepor sobre si duas letras “L”, por ser a primeira letra da sigla LGBTQ+, além de transmitir a sensação de um abraço como se estivesse amparando a toda comunidade carente, conforme mostra a figura 25.

Figura 25. Letra “L” para sobreposição de volumes



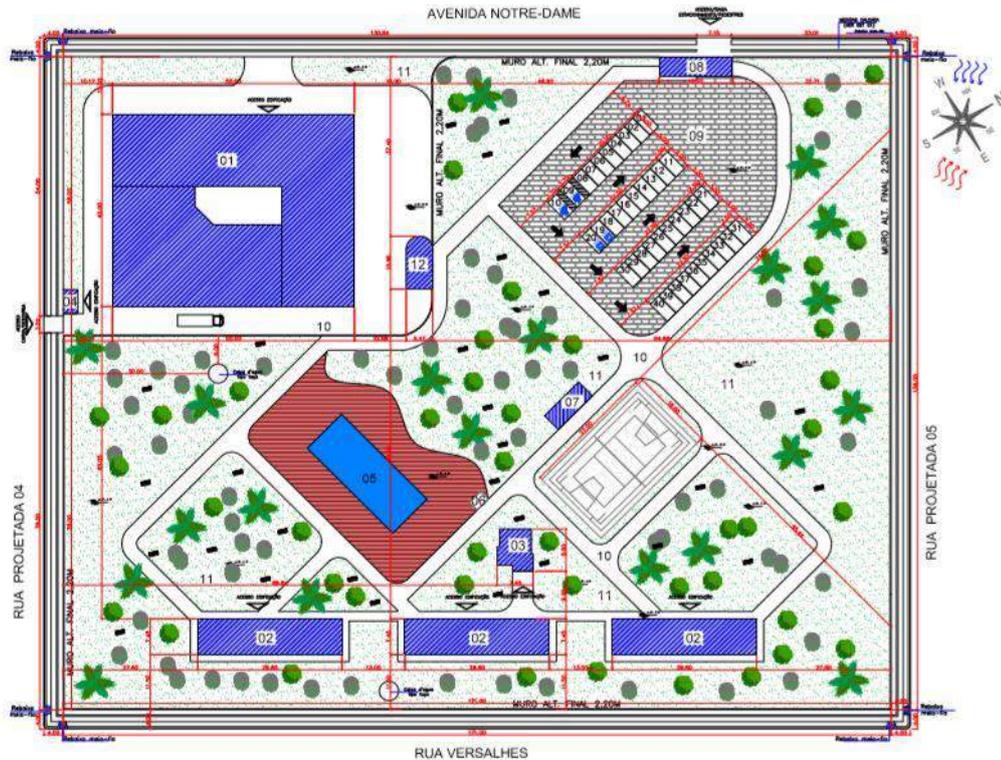
Fonte. Autor (2019)

Dessa forma, por caracterizar uma construção com linhas retas, os outros blocos a serem construídos seguiram na mesma proposta de formas retas e sóbrias.

5.9 Implantação

De acordo com as predominâncias de ventilação e insolação, a disposição dos elementos no terreno deu-se de acordo com a figura 26.

Figura 26. Implantação



Fonte. Autor (2019)

Dessa forma, todas as fachadas noroeste possuem a melhor ventilação durante o período chuvoso, enquanto as fachadas sudeste durante o período de estiagem.

5.10 Memorial Descritivo

5.10.1 Dados gerais

Centro Cultural e de Apoio ao público LGBT+ a ser implantado na cidade de Sinop - MT, localizado na Avenida Notre-Dame no bairro Residencial Paris, quadra 10, com uma área total de 23.256,00m² e uma área edificada de 7.744,24m², área de calçada com 3.904,71m², sendo considerados 50,09% de ocupação do solo e 49,91% de área permeável, conforme figura 27.

Figura 27. Quaro de áreas

Área terreno: 23.256,00m²
 - **Áreas construídas**
 Área total a ser construída: 7.744,24 m²
 Centro cultural: 2.988,33m²
 Alojamentos: 1.332,06m²
 Demais construções: 238,62m²
 Área total piscina: 1.176,38m²
 Área estacionamento: 2.008,84
 - **Áreas permeáveis**
 Calçada concreto drenante (permeável): 3.904,71m²
 Área verde: 11.607,05m²
 Porcentual de Ocupação do solo: 50,09%
 Porcentual de Permeabilidade: 49,91%

Fonte. Autor (2019)

5.10.2 Finalidade

O projeto tem por finalidade ser um centro de apoio a população LGBT+ carente, pois, por ser ainda um público marginalizado, precisam de locais de apoio a saúde, moradia e local de capacitação profissional, a fim de dar a essas pessoas uma nova chance.

5.10.3 O projeto

O projeto do Centro Cultural tem como premissa linhas retas do partido arquitetônico e inspiração dos correlatos, tendo como principal função levar a população maior conhecimento sobre o movimento LGBT+.

Dessa forma, espera-se quebrar o paradigma sobre essa população, de que são pessoas inferiores e não merecem respeito, como é em maior número, o caso de travestis e transexuais, assim, conseguindo reinseri-los na sociedade e no mercado de trabalho de forma digna.

O conjunto do projeto contém o centro cultural como edificação principal, três blocos de alojamento e o setor de triagem como edificações secundárias, enquanto as outras edificações como guaritas, casa de máquinas e casa de lixo se dão como construções de menor destaque.

Entre os diversos serviços e atividades presentes que serão prestados para a comunidade, podem citar as salas de aula com cursos pré-vestibular, cursos

profissionalizantes como informática, alfaiataria, corte e beleza, além de oferecer espaços de lazer como área de piscina e espaços arborizados, apesar do espaço ser de prioridade para o público LGBTQ+ carente, é um espaço público aberto a população em geral, não fazendo distinção de etnia, sexo ou orientação e identidade de gênero, tornando-se assim, um espaço inclusivo.

Em todo o terreno foram deixados grandes espaços destinados a áreas verdes, com o intuito de se criar um clima mais agradável para o público do local, com uso de árvores de grandes copas, como por exemplo, o Oiti, que pode chegar de seis a mais de doze metros de altura e possui uma copa ampla capaz de gerar uma grande quantia de espaço sombreado.

Figura 28. Vista área dos espaços verdes



Fonte: Autor (2019)

Outro exemplo de árvore a ser utilizado é a Sibipiruna, árvore que pode também chegar a ter mais de doze metros, possui uma copa arredondada que pode chegar a quinze metros de diâmetro, conforme figura 29, especificações de árvores a serem usadas nos espaços verdes.

Figura 29. Tabela de especificação de vegetação.

QUADRO DE ESPECIFICAÇÕES VEGETAÇÃO						
CHAVE	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	DIMENSÕES FINAIS			
			ALTURA (CM)	DIÂM.	SOL	
LTD	Liconia Tomentosa	Oiti	600-1200	30-50	☉	
DAPE	Coccoloba peltophoroides	Sibipiruna	600-1200	30-50	☉	
JAM	Jacaranda mimosaefolia	Jacarandá-mimosa	1200-estm	30-50	☉	
AROU	Archontophoenix cunninghamiana	Palmeira-real	1200-estm	20-30	☉	
DIBI	Dialium bicolor	Maniá-bicolor	40-60		☉ ☉	

Fonte. Autor (2019)

Para os ambientes internos que possuem vegetação, serão usadas Samambaias, como nos mostra a figura 30, para as áreas como a praça de alimentação e espaços de convívio, enquanto nas circulações, os jardins elevados com bancos serão usadas mudas de Palmeira-ráfia, como exemplo a figura 31, tomando cuidado com as podas necessárias.

Figura 30. Exemplo de jardim interno com samambaias



Fonte: Google Imagens

Figura 31. Exemplo jardim com banco



Fonte: Tua casa

O Centro Cultural Dandara dos Santos, terá esse nome em homenagem a travesti Dandara que foi brutalmente assassinada no Ceará, por um grupo de seis homens, de forma a criar um espaço de segurança e ensinamento, o centro irá adotar seu nome como forma de homenagem e protesto, conforme figura 32.

Figura 32. Centro cultural Dandara dos Santos



Fonte: Autor (2019)

Os acessos aos espaços se darão de duas formas, o Centro Cultural será um espaço livre e aberto, não tendo muro ao seu redor por ser propriamente o principal espaço público,

sendo o único espaço que também haverá um acesso de serviço, que se encontra na área das cozinhas.

Para o estacionamento que será fechado, haverá a guarita principal, que dará acesso também ao espaço no interior do terreno que conta com as áreas de lazer, tendo assim, quem utilizar o estacionamento, passar também pela guarita de pedestres para o acesso ao centro.

A segunda forma de acesso é a guarita de pedestres que fica localizada ao lado do Centro Cultural, que, tem a função de controlar a quantidade de pessoas que adentram nos espaços de lazer dentro do terreno de forma a ter maior controle e segurança para o público.

O primeiro setor a ser detalhado, será o Centro Cultural, o pavimento térreo irá contar logo em sua entrada com um balcão de primeiro atendimento, para direcionar as pessoas ao local de procura, e também é o espaço onde se encontrara a praça de alimentação, que irá contar com mesas e cadeiras espalhadas em um amplo espaço, que dá acesso aos balcões de atendimento das lanchonetes, acesso ao foyer do anfiteatro, banheiros masculinos e femininos, uma sala de artesanato, biblioteca e os acessos ao pavimento superior, que se dão através das escadas ou de um poço de elevação.

Dentro do espaço do foyer, tem-se também acesso a outro conjunto de banheiros masculinos e femininos, balcão de recepção e acesso ao auditório que conta com capacidade para um total de 140 pessoas, tendo nesse auditório camarins separados por sexo, cada qual com um banheiro, e um espaço de depósito para equipamentos.

Ao acessar o pavimento superior, chega-se ao primeiro espaço de convívio que irá contar com um balcão para primeiro atendimento, direcionando as pessoas para as salas de procura.

É o pavimento onde se concentrara as salas de aula dos cursos de alfaiataria, corte e costura, inglês, curso pré-vestibular, informática, dança e teatro, além de possuir uma sala de multimídia e instalações sanitárias, masculinos e femininos.

A partir do acesso ao pavimento superior, também é possível acessar as áreas de apoio, que irão contar com uma sala de denúncias, uma sala de atendimento médico, atendimento jurídico e atendimento psicossocial, além de contar com uma sala exclusiva para reunião com ONG's e órgãos de apoio a causa LGBT+.

A área administrativa também se encontra no pavimento superior, sendo separado em recepção, sala de arquivo e C.P.D, administrativo, sala de reunião e acesso a sala dos professores.

O segundo conjunto a ser descrito são os blocos habitacionais, local onde as pessoas que necessitam desse apoio se alojarão, conforme figura 33, cada apartamento irá contar com sua própria instalação sanitária, um quarto e uma cozinha individual.

Cada bloco possui um total de 10 apartamentos, sendo, 2 de cada bloco com acessibilidade, além de cada pavimento contar com sua própria lavanderia comunitária, sendo, uma lavanderia para cada cinco moradores.

Figura 33. Vista bloco habitacional



Fonte: Autor (2019)

Justamente por haver variedades na forma que cada pessoa se identifica, não haverá separação dos blocos de alojamento por sexo nem orientação sexual.

Tendo capacidade para abrigar 30 pessoas simultaneamente, o tempo que cada pessoa poderá usar dos alojamentos será determinado pelas atividades que o indivíduo participe dentro do centro cultural, para aqueles que não desejarem participar será um período máximo de 03 meses, para quem participe dos cursos e aulas disponibilizados dentro do centro, será um período máximo de 06 meses, enquanto, para quem decidir ir atrás de uma graduação superior nas universidades próximas, o período máximo será de 24 meses.

O espaço de triagem que se encontrará logo à frente dos blocos habitacionais, tem como intuito além do primeiro contato com os moradores, um controle de participação.

Esse espaço irá contar com uma recepção, uma sala de atendimento médico e uma sala de atendimento psicológico, além de cada ambiente possuir seu próprio lavabo acessível.

As construções como as guaritas, tanto a principal, figura 34, como a de pedestres, irão contar com a área de atendimento, uma copa e um banheiro.

As demais construções são destinadas a casa de lixo e casa de máquinas, que serão de acesso exclusivo aos funcionários do local.

Figura 34. Guarita principal

Fonte: Autor (2019)

A proposta de partido para a guarita, era a utilização de elementos que transmitissem diretamente ao usuário do espaço a que esse espaço se destina, dessa forma, com sua cobertura em ACM, foi pintada com as sete cores do arco-íris que atualmente é a bandeira da comunidade LGBTQ+.

Além das áreas destinadas a cursos e salas de aula, o Centro Cultural também irá contar com espaços de lazer, como a área de piscina, figura 35 e uma quadra poliesportiva, figura 36, pois dessa forma é possível trazer maior interação entre público externo e interno.

Figura 35 (a). Área piscina

(b). Área piscina vista superior



Fonte: Autor (2019)

Figura 36. Quadra poliesportiva



Fonte: Autor (2019)

6. PRÍNCÍPIOS TÉCNOLÓGICOS / DIRETRIZES CONSTRUTIVAS

6.1 Técnicas construtivas e materiais sustentáveis.

6.1.1 Placas fotovoltaicas

As placas fotovoltaicas, figura 37, consistem em um sistema de captação de energia solar para conversão em energia elétrica.

Figura 37: exemplo de placa fotovoltaica



Fonte: <https://www.seucondominio.com.br>

Essa energia produzida pode tanto ser armazenada em baterias ou servir para uso residencial, como iluminação ou determinados aparelhos elétricos.

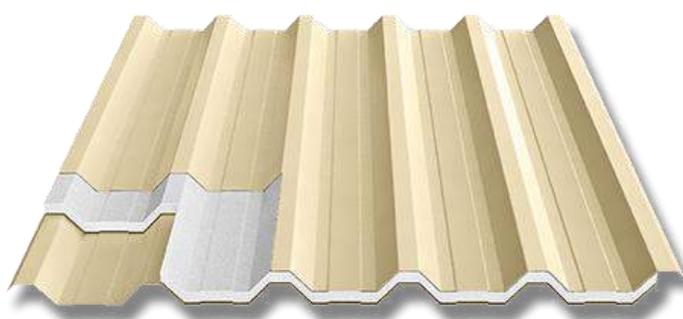
Apesar de ainda possuir um alto custo de aquisição, as placas fotovoltaicas possuem algumas vantagens como, por exemplo, por ser uma energia produzida através de raios

solares, não existe preocupação com poluição, tornando-se assim uma energia sustentável e renovável.

6.1.2 Telhas termoacústicas com poliuretano

As telhas termoacústicas são feitas a partir de chapas metálicas preenchidas com poliuretano, conforme figura 38, tendo uma inclinação mínima de 10%.

Figura 38: Telha termoacústica



Fonte: RJ telhas

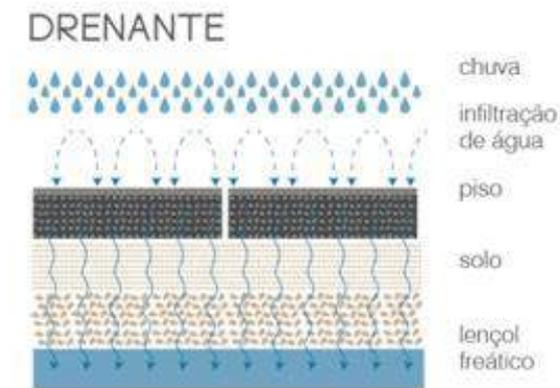
De acordo com o site Archdaily (2018) essas telhas possuem uma maior leveza, resistência e facilidade de instalação, além de, se comparado com os outros modelos, são melhores isolantes térmicos e acústicos, além de ser também um produto auto extingüível, dessa forma, não permite a propagação de chamas em caso de acidentes.

6.1.3 Concreto drenante

As calçadas a serem executadas serão feitas de concreto drenante, de acordo com o site Tecnosil (2019), esse tipo de concreto possui um grande benefício de não impermeabilizar os solos, permitindo o escoamento das águas diretamente para o lençol freático, como mostra a figura 39.

Por possuir uma cor mais clara, outra vantagem é a menor absorção de calor, além de possuir uma estrutura menos densa o que também gera menor armazenamento de calor, auxiliando dessa forma a redução do aquecimento.

Figura 39. Esquema funcionamento concreto drenante.



Fonte: <https://www.masterplate.com.br/piso-drenante/>

6.1.4 Brise solar

Os brises solares servem, principalmente, para se barrar a incidência solar antes que ela atinja a fachada, dessa forma, evitando o aquecimento interno e dando maior qualidade climática para o ambiente.

Huller (2017) diz que, os brises são estruturas formadas por laminas, podendo estas ser lisas ou perfuradas, posicionamento vertical ou horizontal, serem móveis ou fixas, e de materiais variados como metal, madeira ou vegetal.

Para o projeto foi escolhido o uso de brises de madeira reflorestada conforme imagem 40, pois a madeira possui um melhor desempenho térmico e estético, além, de se tornar sustentável.

Figura 40: Brise de madeira vertical



Fonte: Autor (2019)

6.2 Alvenaria

Para a vedação do projeto, toda a estrutura utilizará de tijolo de cerâmica, pelo baixo custo e fácil mão de obra, sendo as paredes norte e oeste que recebem maior incidência de sol, protegidas por brises de madeira para maior controle de temperatura.

As lajes serão feitas em modelo nervurado conforme figura 41, pois, de acordo com Pinheiro e Rezende (2003), esse tipo de laje proporciona uma redução no peso próprio, um melhor aproveitamento do aço e do concreto e consegue consequentemente aguentar maiores vãos, reduzindo dessa forma os custos e aumentando a viabilidade do sistema construtivo.

Figura 41. Modelo de laje nervurada



Fonte: Construindo de cor

6.2.1 Pilares de concreto

Na edificação do Centro Cultural, como forma de quebrar a continuidade das linhas retas, os pilares de sustentação foram locados de forma irregular, a fim de contrapor a linearidade do complexo, conforme figura 42.

Figura 42. Pilares de concreto irregulares



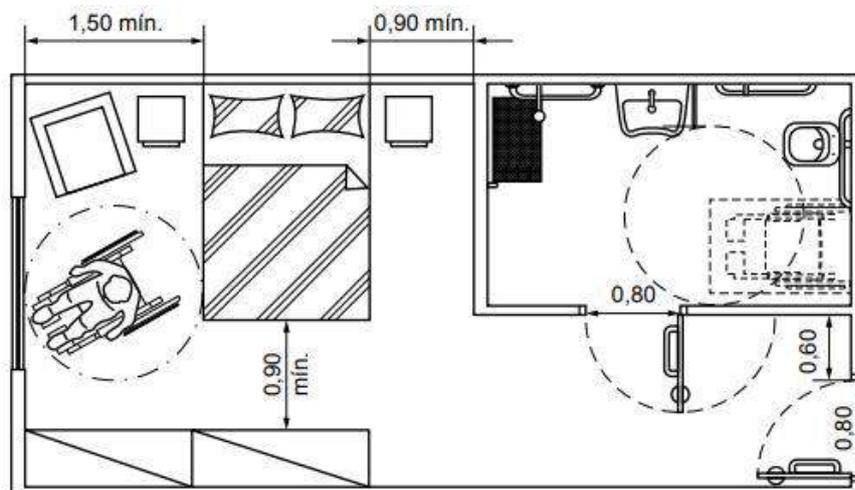
Fonte. Autor (2019)

6.3 Acessibilidade

A NBR 9050 (2015), que regulamenta as normas de acessibilidade para as pessoas possuindo ou não deficiência, a partir de dimensões mínimas de uso de equipamentos, como por exemplo, rampas, corrimãos e instalações sanitárias.

As instalações do projeto foram feitas de modo a respeitar as normas exigidas, como por exemplo, rampas de até no máximo 8,33% de inclinação, banheiros com barras de apoio lateral nas instalações PCD com área mínima de giro, conforme figura 43.

Figura 43. Modelo de quarto acessível



Fonte. NBR 9050 (2015)

7. PROJETO ARQUITETÔNICO (em pranchas)

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decorrer deste trabalho, notou-se a precariedade de abrigos e instituições nacionais que sejam referência e abranjam a real necessidade dessa população, sendo a que a maioria dos abrigos ofertados é de caráter provisório em locais improvisados que não foram projetados de forma a atender a população de rua.

No primeiro capítulo foram vistos os principais motivos que levam essa população a rua e o risco que se encontram por falta de políticas públicas e falta de oportunidades, vezes, unicamente pela sua forma de identificação.

A princípio, este trabalho tinha como objetivo apenas um Centro Cultural para o público LGBTQ+ que dependesse de ajuda, porém, com o decorrer do mesmo, novas necessidades foram observadas, como a necessidade de apoio e a reinserção na sociedade, devido isso, novos espaços de convívio foram projetados, para trazer inteiração entre toda a comunidade, independente de orientação e identidade.

Dessa forma, o Centro Cultural Dandara dos Santos, procura abranger seus serviços a toda a população, não fazendo distinção de forma alguma, promovendo espaços que sejam de referência, não somente para acolhimento e realização de necessidades básicas, mas, também para locais com cursos profissionalizantes, educação, oficinas e espaços de lazer e convívio.

Sendo assim a proposta buscou aliar a arquitetura como uma forma de mudar a realidade das pessoas em situação de rua, buscando a economia, funcionalidade e a estética dos elementos, tendo em vista à escolha de todas as técnicas construtivas a prioridade quanto à durabilidade, o baixo custo de compra, manutenção e mão de obra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABGLT – Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais. **“Manual de comunicação LGBT”** Curitiba, Ajir Artes Gráficas e Editora Ltda. 2010.

BRASIL. Constituição (1988). **“Constituição da República Federativa do Brasil”**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BOECKEL, Cristina. **“Casa ajuda transexuais e travestis a conquistar educação e respeito”**. G1, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em < <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/07/casa-na-lapa-ajuda-transexuais-e-travestis-conquistar-educacao-e-respeito.html>>. Acesso em 04 de nov. de 2018.

CARDINALI, Daniel Carvalho. **“A proibição de doação de sangue por homens homossexuais: uma análise sob as teorias do reconhecimento de Fraser e Honneth”**. Revista Constituição e Garantia de Direitos, v.9, n. 2, p. 110 – 136, 8 jun. 2017.

CARRIERI, Alexandre de Pádua; SOUZA, Eloisio Moulin de; AGUIAR, Ana Rosa Camillo. **“Trabalho, Violência e Sexualidade: Estudo de Lésbicas, Travestis e Transexuais”**. RAC, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, art. 5, pp. 78-95, Jan./Fev. 2014

Centro Comunitário Rehovot / Kimmel Eshkolot Architects 15 Out 2017. ArchDaily Brasil. (Trad. Moreira Cavalcante, Lis). Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/881109/centro-comunitario-rehovot-kimmel-eshkolot-architects>> ISSN 0719-8906. Acesso em 03 de nov. de 2018.

Centro Cultural Arauco. Elton Léniz". 17 Mar 2018. ArchDaily Brasil. (Trad. Sbeghen Ghisleni, Camila). Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/890527/centro-cultural-arauco-elton-leniz>> ISSN 0719-8906. Acesso em 25 de out de 2018.

DABUL, Lígia. **“Museus de grandes novidades: Centros culturais e seu público”**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 257-278, jan./jun. 2008

DEJTIAR, Fabian. **“Guia de telhados e coberturas: 26 tipos de telhas, chapas e membranas para seus projetos”** [Guia de techos: 26 tipos de telhas, chapas y membranas para cubrir proyectos de arquitectura] 19 Abr. 2018. ArchDaily Brasil. (Trad. Souza, Eduardo) Acessado 10 Jun. 2019. <https://www.archdaily.com.br/br/892900/guia-de-telhados-e-coberturas-26-tipos-de-telhas-chapas-e-membranas-para-seus-projetos>

FEITOSA, Cleyton. **“As diversas faces da homofobia: diagnóstico dos desafios da promoção de direitos humanos LGBT”**. Revista Periódicus, ISSN: 2358-0844. 2016.

FERNANDES, Marisa. **“O movimento das mulheres lésbicas no Brasil”**. Revista Cult, ed. 238. 12 jun. 2018. Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/mulheres-lesbicas-feministas-brasil/>>. Acesso em 23 de set de 2018.

GASTALDO, Rossano Machado. **“Centros Culturais enquanto bens econômicos: Uma análise sob a ótica das falhas de mercado.”**. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, departamento de Ciências Econômicas, 2010,

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. “**Manual. Pesquisa qualitativa**”. Anima educação. Belo Horizonte, 2014.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. “**Métodos de pesquisa**”.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

GOHN, Maria da Glória. “**Movimentos Sociais na contemporaneidade**”. Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 47 maio-ago. 2011

GIL, Antonio Carlos. “**Como elaborar projetos de pesquisa**”. 4ª. ed. São Paulo, Atlas, 2002.

HULLER, Jéssica. “**Brisas: conheça os principais modelos disponíveis no mercado**”.

Conaz. Disponível em < <https://www.conazsolucoes.com.br/2018/03/15/brises-principais-tipos-e-modelos/>>. Acesso em 10 de junho de 2019.

LISBOA, Vinícius. “**Abrigos LGBT se espalham e reúnem histórias de orgulho e**

superação”. Agência Brasil, jun. 2017. Disponível em <

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-06/abrigos-lgbt-se-espalham-e-reunem-historias-de-orgulho-e-superacao>>. Acesso em 04 de nov. de 2018.

MACHADO, Ricardo William Guimarães. “**População LGBT em situação de rua: uma**

realidade emergente em discussão”. Revista EDUC-Faculdade de Duque de Caxias/Vol. 01- Nº 03/Jan-Jun. 2015.

MAIA, Bibiana. “**Conheça 5 casas e uma plataforma que oferecem abrigo para LGBTs**”.

Projeto Colabora, 2017. Disponível em <<https://projetocolabora.com.br/genero/casas-dao-abrigo-para-lgbts/>>. Acesso em 03 de nov. de 2018.

MARTINS, Marco Antonio Matos; FERNANDEZ, Osvaldo; NASCIMENTO, Érico Silva do.

“**Acerca da violência contra LGBT no Brasil: Entre reflexões e tendências**”. Revista Fazendo Gênero. Ed. 09. Bahia, 2010.

MELLO, Eduardo Piza Gomes. Direitos humanos no Brasil. “**A homofobia que nos mata**

todo dia”. Disponível em <

https://homofobiamata.files.wordpress.com/2012/04/direitoshumanos_2012.pdf>. Acesso em 01 de set de 2018.

MELUCCI, Alberto. “**Um objetivo para os movimentos sociais?**” Lua Nova, São Paulo,

n. 17, p. 49-66, junho de 1989. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451989000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 out. 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. CONSELHO NACIONAL DE COMBATE À

DISCRIMINAÇÃO. “**Brasil sem homofobia. Programa de Combate à Violência e à**

Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual”. Disponível em

<bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf>. Acesso em 20 de out de 2018.

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS. SECRETARIA NACIONAL DE

CIDADANIA. “**Violência LGTBfóbicas no Brasil: dados da violência**” Disponível em

<<http://www.mdh.gov.br/biblioteca/consultorias/lgbt/violencia-lgbtfobicas-no-brasil-dados-da-violencia/view>>. Acesso em 13 de out de 2018.

MOREIRA, Adailson. “**A homossexualidade no Brasil no século XIX**”. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 6, n. 07, 26 nov. 2012.

MOTT, Luiz. GGB – Grupo gay da Bahia. “**Assassinato de LGBT no Brasil. Relatório 2016**”. Salvador, 2017. Disponível em <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relatc3b3rio-2016-ps.pdf>>. Acess 22 de set de 2018.

MOTT, Luiz. GGB – Grupo gay da Bahia. “**Pessoas LGBT mortas no Brasil. Relatório 2017**”. Salvador, 2018. Disponível em <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relatorio-2081.pdf>>. Acesso em 01 de set de 2018.

MUTZENBERG, Remo. “**Conhecimento sobre ação coletiva e movimentos sociais: pontos para uma análise dos protestos sociais em África**”. Revista Sociedade e Estado - Volume 30, número 2. Maio/Agosto 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922015000200415>. Acesso em 21 de out. 2018.

NATARELLI, Taison Regis Penariol, et al. “**O impacto da homofobia na saúde do adolescente**”. Escola Anna Nery. Ribeirão Preto, São Paulo, 2015. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v19n4/1414-8145-ean-19-04-0664.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2018.

NEVES, Renata Ribeiro. “**Centro Cultural: a Cultura à promoção da Arquitetura**”. Revista Online IPOG. Goiânia, 2012.

N. GREEN, James. “**Mais amor e mais tesão: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis**”. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 15, p. 271-295, jun. 2015. ISSN 1809-4449. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635596>>. Acesso em: 14 set. 2018.

OLIVEIRA, Diego. “**Casa de acolhimento LGBT recebe doações em Manaus**”. Portal Amazônia. Disponível em <<http://portalamazonia.com/noticias/casa-de-acolhimento-lgbt-recebe-doacoes-em-manau>>. Acesso em 04 de nov. de 2018.

PINHEIRO, L. M; REZANTE, J. A. Estruturas de concreto, lajes nervuradas. Disponível em: <<http://www.set.eesc.usp.br/mdidatico/concreto/Textos/17%20Lajes%20nervuradas.pdf>>. Acessado em 10 de junho de 2019.

RAMOS, Luciene Borges. “**Centro cultural: território privilegiado da ação cultural e informacional na sociedade contemporânea**”. III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador, BA. (2007)

RAMOS, Luciene Borges. “**O centro cultural como equipamento disseminador de informação: um estudo sobre a ação do Galpão Cine Horto**”. Escola de ciência da informação da UFMG. Belo Horizonte, 2017.

REDAÇÃO GLAMOUR. “**Conheça o Casa 1, projeto de cultura e acolhimento LGBT no centro de São Paulo**”. Revista Glamour, nov. de 2016. Disponível em <<https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/Must-Share/noticia/2016/11/conheca-o-casa1-projeto-de-cultura-e-acolhimento-lgbt-no-centro-de-sao-paulo.html>>. Acesso em 04 de nov. de 2018.

PARRA, Lucia Silva. “**O Centro de Cultura Social e suas práticas de ação cultural**”. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, 2011

SANTOS, Andressa Regina Bissolotti. “**Movimento LGBT e direito: identidades e discursos em (des)construção**”. UFPR, Setor de ciências Jurídicas. Curitiba, 2017.

SÃO PAULO. “**Pesquisa censitária da população em situação de rua, caracterização socioeconômica da população adulta em situação de rua e relatório temático de identificação das necessidades desta população na cidade de São Paulo**”. Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social. Disponível em <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/assistencia_social/censo/SUMARIO%20EXECUTIVO.pdf>. Acesso em 25 de set de 2018

SCHULMAN, Sarah. “**Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento**”. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012.

SENADO FEDERAL. Disponível em <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/79604>>. Acesso em 20 de out de 2018.

SIQUEIRA, Marcus V. S; ZAULI-FELLOWS, Amanda. “**Diversidade e Identidade nas organizações**”. Gestão.org – Revista eletrônica de Gestão Organizacional, v. 4, n. 3, 2006.

SOUZA, Ramon Andrade de; MARTINS, Marco Antônio Matos. “**DISCUSSÕES CULTURAIS E HOMOSSEXUALIDADE: A homofobia nos espaços públicos e a produção do gueto**”. Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. Salvador, BA. 2011.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. Disponível em <<http://www.stf.jus.br/portal/geral/verPdfPaginado.asp?id=400547&tipo=TP&descricao=ADI%2F4277>>. Acesso em 20 de out de 2018.

APÊNDICE

Questionário realizado para levantamento de dados sobre a população LGBT+.

Questão 01: Orientação Sexual.

Questão 02: Como você se identifica?

Questão 03: Qual sua atual profissão?

Questão 04: Conhece ou ouviu sobre casos de LGBTfobia?

Questão 05: Qual sua opinião sobre o movimento LGBT, acha importante a disseminação de conhecimento sobre a causa?

Questão 06: Como foi o processo de se assumir LGBT? Qual a reação de seus familiares e amigos?

Questão 07: Quais foram as maiores dificuldades que enfrentou após se assumir? (Trabalho, educação, respeito, etc.)